



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

For
6230
30 225

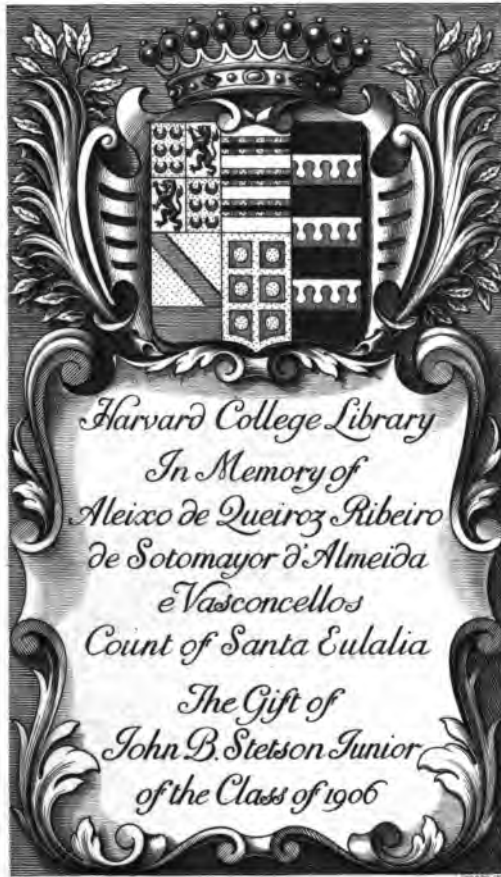
WIDENER



HN ZK6M .



Port 6230.30.305



O AMOR E O DEVER
COMEDIA-DRAMA ORIGINAL

EM TRES ACTOS

POR

FRANCISCO SERRA.

*Representada pela primeira vez no theatro
de D. Maria Segunda, a 25 d' Abril
de 1859.*



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANO RAMA.

TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

1860.

Port 6230,30.305

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN B. STETSON, JR.

9 DEC 1924
PERSONAGENS

JOÃO DE CASTRO, morgado na provincia.
MARGARIDA, sua mulher.
ADELAIDE, amiga e protegida de Margarida.
JULIO DE MÉNEZES } amigos de João de Castro.
CESAR D'ALMEIDA }
FERNANDO DE CASTRO, irmão do morgado.
EDUARDO DA MOTTA, amigo intimo de Fernando.
SEBASTIÃO DE MIRANDA, viajante e proprietario rico.
JOSÉ DE MIRANDA, seu filho.
D. CHRISTINA, amiga de Margarida.
SIMÃO DE VASCONCELLOS, seu pae.
O BARÃO D'OLIVEIRA.
JORGE, criado velho.
UM CONVIDADO QUE FALLA.
UM CRIADO, idem.

Criados, convidados de ambos os sexos, etc. etc.

A acção tem logar na provincia na actualidade.

Na conformidade das disposições da lei de propriedade litteraria, esta peça não poderá ser representada em theatro algum sem previo consentimento do autor.

25-12-3
196

A

D. MARIA JOSÉ FERREIRA DA SILVA E SERRA

Minha fallecida irmã.

O, D. C.

O AUTOR.

Lisboa, 15 de Dezembro de 1859.

Offereço-te, querida irmã, a minha pobre composição, a primeira n'este genero que encetei a instancias tuas.

Quando acabei o drama que te dedico, passei a ler-t'o, e tu gostaste e applaudiste a obra. Cega de afeição, os defeitos passaram-te despercebidos, e os desprimores disfarçados no empenho ardente de me animar a levar ao theatro o mal traçado esboço de um drama, que a minha vista inexperiente nos segredos da scena, e o pouco tacto dos effeitos das situações, ousou conceber, deixando-me sempre a convicção dos aleijões com que veio á luz.

Por condescendencia contigo levarei a peça ao theatro, e se a censura dramatica a não reprovar, dar-te-hei o gosto de a pôr em scena, e se o publi-

*

co coroar a primeira tentativa que tu accendeste a mover o autor, dal-a-hei ao prélo com esta breve introdução, porque tens a parte da iniciativa no arrojado commettimento da criação d'esta obra.

Nunca experimentei o rigor da critica, e esse hade custar-me a supportar, não aquelle rigor de critica que aconselha, e diz o modo de evitar os erros, mas o d'aquella critica dos zoilos descabellados, que se alimentam da verrina, e tendem unicamente a esmorecer as vocações em vez de as animar, prevenindo-as ao mesmo tempo dos desvios naturaes n'um autor que se estrêa.

Não me assusta, comtudo, esse phantasma, que tem succumbido a tantos; á critica maligna, responderá a voz do publico que tiver festejado a obra; á critica benigna servirá este prologo de escudo ás faltas de engenho n'um autor de dezenove annos, e que n'esta epoca de vaidade tem a consciencia das suas imperfeições, como sabe que na apreciação sensata, longe de merecer censura, hão de ser desculpaveis.

Acceita pois, minha estimada irmã, este penhor da minha amizade, e crê que é mais um pequeno tributo de gratidão á muita gratidão que te devo.

Teu do coração

irmão desvelado

Francisco Serra.

Lisboa, 26 de Julho de 1857.

PROLOGO-FOLHETIM.

AMOR E DEVER

Comedia em tres actos.

Teem mudado de face os imperios e perdido a sua força as crenças, mas certas creações do espirito, certas personificações comicas e verdadeiras, sobrevivem a todas as revoluções politicas e moraes. D'esta forma, o Falstaf de Shakspeare, o Panurgio de Rabelais, e sobre todos, o Sancho Pança de Miguel Cervantes! Poder admiravel do espirito, que se apodera de uma idéa vagamente conhecida n'um seculo, transforma-a n'uma realidade eternamente viva, e dá ás suas visões uma immorredoura existencia, a immortalidade ás suas chimeras! Ao typo 'escriptor de prologos' não falta para o tornar gracioso *per sæcula sæculorum*, senão a veia comica d'algun talento original e alegre!

O escriptor de prologos é, por via de regra, um homem que vive á mira de uma introduccão para desabafar umas certas citações que lhe andam a pular no bucho, e que, tão depressa se pilha em maré cheia de juizo critico, dá logo a ver com um tacto finissimo em que distancia respeitosa sabe conservar-se do que se chama a imaginação! No escriptor de prologos é quasi um erro de officio escrever coisa sua: o preceito é citar o alheio. O escriptor de prologos é um excavador, que anda a desencantar periodos esquecidos de criticos occultos, e que descarrega uma metralha de *diz, diz, diz*, em forma de dictionario de maximas, que é de assustar até um bibliothecario regio!

Exemplo de um periodo de escriptor de prologos:

— No quinto acto, Sophia vingá-se entregando as cartas do seu amante, á sua rival, esposa d'elle. Escolheu o autor, por ventura, a melhor vingança para semelhante situação? Segundo Juvenal a mulher sente prazer em vingar-se; mas deve ser nobre a vingança. A vingança é o prazer dos deuses, costuma dizer-se; quem ousaria escrever semelhante sacrilegio? Arsene Honnaye diz n'um dos seus conceituosos escriptos — vingar-se é ser o se-

gundo a fazer o mal. Um dos riffsões do oriente, é que o leão não se vinga, e a mulher sim! Já não diremos como o Preste João que as mulheres que nutrem idéas de vingança são geralmente tolas e vilmente perversas, porém etc. —

O escriptor de prologos deve ser sentencioso como um hespanhol, grave como um alcaide, severo como um administrador de bairro. Nunca deve gastar do seu, em questão de pensamento: citar, citar muito, citar tudo!

Depois d'este exordio, que me serviu para fazer comprehender ao leitor, que não estava a peitos com nenhum sisudo autor de proloquios, vou dizer-lhes para que cá vim. Vim para lhes dizer, que a peça *Amor e Dever* é uma composição dos vinte annos, circumstancia que a absolveria dos defeitos que se lhe observam, se as qualidades puramente dramaticas da vocação do autor, vocação que na peça se denuncia visivelmente, não os compensassem em demasia. Ha movimento, ha acção, ha vida n'este pequeno drama, e se mais experimentada mão houvesse traçado o quadro, o espectador teria de receber com lagrimas as ultimas scenas d'esta composição interessante e breve. No segundo acto, o desenho é mais seguro, e a descripção de um baile nos arrabaldes de Lisboa, é perfeitamente exacta, desde o convidado que toca flauta, até á menina da casa que recita ao piano os versos do seu album. O autor tem decididamente talento para o theatro, e pode, se emprehender a convivencia litteraria dos bons autores, alcançar ainda os triumphos firmes, a que a sua vocação o encaminha mas que, desajudada de estudo, lhe não poderá alcançar. O desempenho da peça, no theatro normal, foi detestavel, e apenas o brilhante talento da senhora Manuela Rey illuminou a scena. As peças que vão para o theatro, destinam-se a *ser representadas*: para não as *representarem*, mais vale não as fazer subir á scena!

Eis terminada a tarefa. Voltarei ainda a *commetter* um prologo? Quem sabe! Sou como as mulheres honestas: o mais que eu e ellas podemos prometter é de *fugir das occasiões*!

JULIO CESAR MACHADO.

ACTO I.

A scena representa um elegante jardim, tendo a fachada da propriedade á direita, com duas portas de comunicação; á esquerda uma cancella no terceiro plano, grade ao fundo. Alguns bancos, vasos de flores, etc. etc.

SCENA I.

JOÃO DE CASTRO E MARGARIDA.

MARGARIDA (*sentada á esquerda, e seu marido de pé ao lado*) — Com franqueza t'ó digo, nunca a vida da provincia me pareceu tão agradável.

JOÃO DE CASTRO — Ora... quem ha que não goste dos encantos d'estas manhãs d'Abril! Faz bem o ar livre do campo...

MARGARIDA (*fechando o livro em que lia*) — N'esta epoca não digo que não; mas tres partes do anno fazem-nos pagar bem a estação das flores.

JOÃO DE CASTRO — Descansa, vou reunir uma grande sociedade. Escrevi a Fernando para vir passar em nossa companhia o resto d'este mez. Quero fazer uma caçada brilhante.

MARGARIDA — Teu irmão só gosta de viver em Lisboa.

JOÃO DE CASTRO — Mandei-lhe pedir com instancia para não faltar. Os nossos bons hospedes que chegaram hontem á noite, foram para a caça logo ao alvorecer. Ainda bem, mostram que são dos meus...

MARGARIDA — Não me lembro de teres recebido a visita d'aquelles senhores desde que somos casados.

JOÃO DE CASTRO — Sebastião de Miranda é um homem milionario ; acabou agora de viajar pela Europa com seu filho. Ha dois annos que estavam ausentes. E' verdade, reparaste n'aquelle modo triste, que essa rapariga a quem tens a loucura de chamar tua companheira de infancia, tomou com a chegada dos nossos dois amigos?

MARGARIDA — Pobre Adelaide! recorda-se talvez de nossa tia que era tão alegre quando recebia d'estas visitas em sua casa para as suas festas de campo. Tratava-a com tanta amizade. . . . Olhava-nos como irmãs! Pobre senhora! serviu-lhe de mãe desvelada, e a mim. . . . chamava-me a sua filha predilecta. Eu, porém, não fui tão feliz como a socia da minha mocidade.

JOÃO DE CASTRO — Abandonaram-na quando tua tia morreu?

MARGARIDA — E a mim levaram-me para muito longe! Adelaide. . . . Adelaide foi servir. E não queres tu que ella ande triste, não queres que se recorde de tudo isto ao aproximarem-se dias de festa?!

JOÃO DE CASTRO — O que lá vae, lá vae. . . . encontraste-a servindo n'uma casa conhecida, retiraste-a d'essa vida, recebeste-a aqui como irmã. . . . não lhe falta nada. . . . para que hade ella andar como Santa Magdalena. . . . a chorar sempre, quando nós procuramos a alegria?!

MARGARIDA (*em tom de reprehensão*) — Os homens são inexoraveis com a sensibilidade das mulheres, entes que nasceram frageis, e frageis hão-de morrer! E' o orgulho que os leva a escarnecer dos mais nobres sentimentos.

JOÃO DE CASTRO — Não me faças agora um romance das susceptibilidades da tua. . . . companheira de infancia. Sabes o que te digo? E' que n'aquelle rapariga anda mysterio grande de que somos victimas.

MARGARIDA (*á parte*) — Descobriria elle. . . .

JOÃO DE CASTRO (*gravemente*) — Juro-te que hei de saber tudo! (*mudando de tom*) Ali anda coisa... não tem que ver... (*sae*).

SCENA II.

MARGARIDA, só; depois ADELAIDE.

MARGARIDA — Sempre severo, e desconfiado sempre! Ha homens que se comprazem com o soffrimento alheio, e este parece um d'elles. Mal sabe apreciar esses momentos prosperos que nos sorriem um minuto em cada dia, e uma hora em cada mez! Desconhece a felicidade e não sabe avaliar o amor! Se elle suspeitasse que a minha companhia d'infancia tinha vivido durante um anno n'um d'esses focos de perdição... se o soubesse... Pobre Adelaide! (*Adelaide apparece ao fundo e vem entrando lentamente*) Perdida, estendeste a mão á caridade publica; sem asylo, victima do abandono....

ADELAIDE — E victima do abandono, já sem fé e sem esperança, apagou-se-me a luz da razão, e caí no abysmo.... E' essa a minha historia! Oh! porque não tive eu valor para morrer de frio e de fome... (*curvando-se diante de Margarida, soluçando*) Já me não sentia agora morrer de vergonha!

MARGARIDA — Lavam a culpa as lagrimas do remorso. Tens-me ao pé de ti... esquece nos braços de uma irmã o teu passado, pobre martyr! (*querendo abraçal-a*).

ADELAIDE — Não... não posso chegar estes meus labios a essas faces puras que não devem manchar.

MARGARIDA — Por piedade, cala-te; não me afflijas mais porque sei que me faltariam as forças para te poder escutar. Ainda podes ser feliz.

ADELAIDE (*amargamente*) — Feliz! tenho lá direito a ser feliz!... Orphã e perdida... que me resta no mundo?

MARGARIDA (*abraçando-a e beijando-a*) — A minha amizade.

*

ADELAIDE (*caindo aos pés de Margarida*) — Perdão! perdão! (*Margarida quer levantá-la nos braços*) Fui ingrata esquecendo a minha protectora... fui! N'esse coração nobre e generoso tenho um auxilio, só falta um remedio ao remorso da minha culpa.

MARGARIDA — Esse allivio é o tempo que t'o hade trazer. Esperança e valor! (*mudando de tom*) Meu marido já reparou na tua tristeza; sabes como é desconfiado. E' preciso ter animo para esconder de todo os teus pezares... se meu marido suspeitasse...

ADELAIDE — Farei por occultar quanto puder a dôr que me consome. Devo-lhe tanto, minha protectora!...

MARGARIDA — Chama-me tua amiga; quero que me trates d'este modo. Porventura és tu culpada para mim? Não sei eu avaliar a desesperação que te levou a esse caminho?...

ADELAIDE — Oh! é boa de mais, minha amiga; sem pae, sem mãe, sem um parente sequer, é muito para agradecer o interesse que toma por uma infeliz abandonada e esquecida por todos.

MARGARIDA — Não te lembras que minha tia... a nossa segunda mãe, não estabelecia differença entre nós? Vamos, reanima-te, não quero ver-te assim triste.

ADELAIDE — A vontade do seu generoso coração é uma lei que se pode cumprir sem custo.

MARGARIDA (*beijando-a*) — Esperança e valor!

SCENA III.

AS MESMAS, JULIO DE MENEZES, E CESAR D'ALMEIDA.

JULIO (*chegando-se ás duas, áparte*) — Bello encontro! (*alto*) Minhas senhoras... (*comprimentando-as*) Madrugámos hoje... e não nos arrependemos. Nada ha tão agradável como um bom passeio n'estas manhãs formosissimas. Na visita que fizemos ás flores do seu jardim, tive a lembrança e tomei a liberdade de colher algumas das mais viço-

sas, e trazel-as a v. ex.^a Ficarão ainda em família! (*dando-lhe o ramo que traz*).

MARGARIDA (*tomando o ramo e fitando Julio meigamente, sorrindo com intenção*) — Agradeço-lhe a intenção, senhor Julio, mas não lhe aceito o madrigal.

JULIO — Porque, minha senhora?

MARGARIDA — Não vê que estamos no campo?

JULIO — Sempre incredula. . . Que é isso, meu caro Cesar, ficas ahí immovel? Não se esquece da sua amiga, e não tem animo de lhe entregar as flores. (*chegando-se a Cesar, e tomando-lhe o ramo*) Dá cá, vou servir-te de medianoiro. . .

CESAR — Pois sim, allivia-me d'isso. Podia dizer-lhe muito, mas não lhe digo nada. . . Não tenho geito como tu de render finezas. . . receio cair no ridiculo, e os aduladores a todo o momento es-corregam. Dize-lhe o que entenderes e deixa-me.

JULIO — Verás que te não deixo passar por falto de educação.

CESAR (*á parte*) — Não sou para estas coisas, não estou á minha vontade diante de mulheres, não sei lidar com ellas.

JULIO (*a Adelaide*) — Desculpe, minha senhora; mas aquelle amigo é tão acanhado com o sexo amavel, que me pediu para lhe offerecer em seu nome estas florinhas colhidas na intenção de lhe traduzir uma lembrança. (*entrega-lhe o ramo*).

ADELAIDE (*com perturbação*) — E' demasiada bondade. . . eu porém. . . (*acceita o ramo*):

MARGARIDA (*atalhando logo*) — Adelaide não deixa de participar da timidez e do acanhamento do seu amigo. Apesar de serem nossos hospedes ha mais de cinco semanas, ainda se não familiarisou.

JULIO — E' mal feito, não lhe devia perdoar.

CESAR (*a Julio*) — Anda, vê se me entalas. . .

JULIO (*a Adelaide*) — Pois minha senhora, não tem razão de nos tratar assim com tanta cerimonia. . . é até pouco vulgar n'uma pessoa da sua classe. . .

ADELAIDE (*estremecendo*) — Santo Deus!

JULIO — Deve ser mais amavel; na sua idade

e com a sua formosura, é uma tyrannia fugir de nós.

ADELAIDE (*á parte, cada vez mais tremula*) — Matam-me estas palavras!

CESAR (*a Julio*) — Se continuas d'esse modo fujo d'aqui; a rapariga hade cuidar que te encomendei o sermão.

JULIO (*sem fazer caso*) — A alegria é um dos mais poderosos attractivos da juventude e da belleza.

CESAR (*agarrando Julio*) — Que demonio estás tu ahí a dizer?

JULIO (*a Adelaide*) — Peço-lhe a honra do seu braço para o meu amigo.

CESAR (*acotovelando-o*) — Elle é isso? Pois safome! (*vae para se voltar, mas Julio deita-lhe a mão ao braço*).

ADELAIDE (*á parte*) — Poderei ter valor paratanto?

MARGARIDA (*baixo a Adelaide*) — Aceita.

JULIO (*a Cesar*) — Alto lá, firme aqui! (*a ellas*) De vergonha ia-me voltando as costas... este carro Cesar sempre tem ratices...

CESAR (*rindo contrafeito*) — Ah! ah! ah! é muito espirituoso este Julio!

JULIO (*conduzindo-o ao pé de Adelaide*) — Vamos, dá-lhe o teu braço; depois de um passeio até áquella oliveira que lá está em baixo, persuadome que hão de ficar mais familiarizados.

CESAR (*á parte*) — Que empenho será este em me fazer dar um passeio á oliveira? Está decidido, não nasci para estas coisas, atrapalho-me todo, o coração parece que me salta fora do peito. (*offerece-lhe o braço com o rosto meio voltado*) Mi... mi... minha senhora!

JULIO (*rindo*) — Ah! ah! ah! que é isso, meu caró?

CESAR (*sorrindo*) — Não é nada... (*a elle, á parte*) tu m'as pagarás.

ADELAIDE (*á parte*) — Jesus me valha!

JULIO — Nada ha como um passeio no campo para estabelecer a intimidade. Vae, anda, Cesar.

(*Elles partem adiante. Julio segue-os e fica por um instante ao fundo observando-os*).

SCENA IV.

MARGARIDA E JULIO.

MARGARIDA (*apenas elles vão para sair, tem procurado entre as flores alguma coisa*) — A perturbação de Adelaide de sobra me dizia as torturas em que estava aquelle coração! Achei enfim.... (*encontra um bilhete que abre e lê*) «Margarida: hoje ao anoitecer espero-te ao pé do caramanchão do jardim. Preciso fallar-te, e fallar-te sem testemunhas.»

JULIO (*que se tem voltado e a observa*) — Já lá vão... parecem caminhar como padecentes para o supplicio. Creanças! Margarida, eis-nos finalmente sós.

MARGARIDA (*gravemente*) — Como se explica este bilhete?

JULIO — Encontrastel-o já?

MARGARIDA — Não esperava da sua lealdade.... (*tornando a pôr o bilhete no ramo*).

JULIO — Que austeridade é essa, Margarida? Esqueceste acaso...

MARGARIDA — Não esqueço o amor, lembro o dever!

JULIO (*tomando-lhe o braço e conduzindo-a ao banco*) — Margarida, são tão curtos e fugitivos os momentos felizes em que nos encontramos sós!... Se algum amor te devo, peço-te que me não recuses essa entrevista.

MARGARIDA — Julio!

JULIO — Se os protestos affectuosos que me tens feito não são um engano atroz... concede-me este instante de ventura, que é o ceo da minha existencia.

MARGARIDA — Não me admira já que duvide de mim, que tão depressa se esqueça que me deve...

JULIO — Ou é demasiadamente cruel, ou tem zombado excessivamente de mim.

MARGARIDA — Nem uma, nem outra coisa; só estou arrependida de o ter ouvido, de o ter amado... quizera não o ter visto!

JULIO — Acaso levará esse extremo ao ponto de me odiar?

MARGARIDA — Odial-o!... os homens comprehendem bem mal o nosso coração. Mesmo quebrando todas as relações, resta-nos sempre n'alma o vacuo d'esse amor, onde fica existindo o perfume do sentimento que o preencheu. Mas nunca o odio, nem o desprezo, nem o rancor, podem introduzir-se no coração da mulher quando ella amou sinceramente!

JULIO (*tomando-lhe a mão que ella retira*) — Oh! Margarida, repete essas palavras... Oh! diz... diz outra vez que me amas!

MARGARIDA — Demais o disse já.

JULIO (*erguendo-se*) — E' um sonho tudo isto? Labios que sabem dar tamanha venturá, não devem, não podem proferir uma sentença. Aceitas a entrevista?

MARGARIDA — Queres uma loucura? Não, Julio, não exijas de mim semelhante sacrificio. Olha... amo-te muito... tanto, que se me pedisses a vida, dar-t'a-hia, mas uma deslealdade... nunca!

JULIO — Mas se te venderam á fortuna de um homem que te não comprehende, e chega até a desprezar-te diante d'aquelles que te admiram?! E' felicidade a escravidão a que te sacrificaram? E fallam de dever! E o que é o dever senão a inspiração da alma, o sentimento puro que nos chama um ao outro?

MARGARIDA — E o mundo, Julio? E a vergonha? Queres que me exponha a que tu mesmo chegues a acreditar nas calumnias de que a sociedade é tão prodiga? Acredita-me, Julio, amo-te muito, mas este amor foi um erro, porque não posso despedaçar as cadêas que me prendem, e livre, dar-te depois todo o meu amor.

JULIO — Um indifferente acharia razoaveis essas considerações... eu estranho-as! Pequeno dever ser o amor que tão clara deixa a razão. Pois a paixão como ella é... como eu a sinto, podê lá nunca raciocinar?

MARGARIDA — Não sabes -que me despedaças o

coração?... Queres que me perca! Tremo de ceder.... Preciso.... devo fugir-te para me salvar! (*sae precipitadamente pela porta que dá communição á propriedade*).

SCENA V.

JULIO, só, depois CESAR.

JULIO — Fugir... foge de mim como se eu fosse um miseravel! Insensato! E tenho alma de accusar tamanho heroismo! Aquellas palavras restituiram-me a razão! Era uma deslealdade o que lhe propunha. Sei o que me cumpre fazer; serei digno d'ella e de mim. Sou eu que devo fugir d'ella e d'esse homem que tão pouco a comprehende e que tão mal a sabe apreciar.

CESAR (*entrando esbaforido*) — Ora muito obrigado, fizestel-a bonita... comprometteste-me com a rapariga á direita e á esquerda. Eu não te dizia que estiveses calado?...

JULIO — Então o que succedeu?

CESAR — Para a outra vez não te mettas com a minha vida, faze favor.

JULIO — Falla homem, dize o que succedeu.

CESAR — Deixa-me, tu é que tiveste a culpa... não me tornes a metter n'outra, percebes? Senão olha que não respondo por mim, temos desgosto serio.

JULIO — Oh! homem, parece que viste o demónio!

CESAR — Succedeu-me peor... muito peor! Eu hem disse que me ias arranjar algum comprometimento.

JULIO — Então o que foi?

CESAR — Apenas saio d'aquí, olho para a rapariga, e como te parece que a vi eu?

JULIO — A rir-se de ti, aposto?

CESAR — Enganas-te! Vejo-a com o lenço nos olhos, e eh! eh! eh! a chorar a bom chorar! Vês, fizeste chorar a rapariga... Se a encontram assim, que hãode dizer?

JULIO — Ella que chorou é porque lhe disseste alguma graça.

CESAR — Eu ! Pois atreves-te... brincas ou fallas seriamente ? Olha que não admitto essas chalaças. Afianço-te que não disse nada, ia caladinho como um peixe. Tu é que tiveste a culpa.

JULIO — Estás doido ! Então eu é que a fiz chorar ?

CESAR — Sem motivo é que ella o não fazia.

JULIO — Foi do teu acanhamento, que ás vezes se torna em grosseria.

CESAR — Mau, mau... não me contes historias !

JULIO — Finalmente o que lhe disseste ?

CESAR — Podia dizer-lhe muito... mas não lhe disse nada ! tu é que tiveste a culpa ; mal tinhamos dado trinta passos...

JULIO — Escorregou-te um pé, e caíste !

CESAR — Antes disso ; senti-me afflicto, não sei que susto se apoderou de mim, não tive animo de lhe fallar... e desatei a fugir !

JULIO — Pateta !

CESAR — Pateta !... queria ver-te na minha posição... Ella por ahí ficou.

JULIO — Quem, a tua posição ?!

CESAR — Não, essa acabou apenas me achei só. Respirei á vontade ! Agora não tenho cara de lhe apparecer. Vê o que tu fizeste ; muito ridiculo lhe devei parecer agora.

JULIO — E não procuraste Adelaide para lhe dar uma desculpa qualquer ?

CESAR — Se eu ainda estou não sei como... falla-lhe tu ; anda ver se a encontramos, mas não me faças apparecer-lhe. ... em a lobrigando escondo-me logo atraz de uma arvore, e entende-te lá á vontade.

JULIO — Tambem tens duvida em lhe fallar indo comigo ?

CESAR — Não sei, estou compromettido, e não quero passar por inconveniente ; falla-lhe tu, e eu apparecerei depois de me teres desculpado.

JULIO — Forte insipido !

CESAR — Insipido e desagradavel foi o divertimento que me quizeste dar. (*sae com Julio*).

SCENA VI.

ADELAIDE (*só, entrando triste e lentamente*) — Cada palavra sem intenção me parece um ultraje meditado. Tenho receio de tudo, e penso que todos me conhecem. (*senta-se com desalento no banco*) Se eu pudesse riscar inteiramente da memoria o passado que tenho sempre presente... não posso, e é tremendo o meu castigo! Quanto mais penso em amal-o, maior se torna a barreira que me separa d'elle! (*reparando no ramo de Margarida e erguendo-se*) Flores aqui!... E' o ramalhete que deram á minha boa Margarida. Esqueceu-lhe... vou levar-lh'o. (*tomando o ramo e contemplando-o*) Pobres flores! hoje viçosas... murchas amanhã! Quizera não viver mais do que estas flores! (*cheirando o ramo*) Embriaga-me este perfume, traz-me á idéa pensamentos que devo repellir... seduzem-me estas côres vivas e animadas!... Foram-lhe dadas por elle... não tenho forças para me separar d'este pobre ramo... E' uma loucura isto... devo esquecer tudo... Ah! (*desmancha o ramo com impeto, as flores espalham-se, e o bilhete cae tambem no chão*) Meu Deus! um papel aqui! (*abre e lê, agitando-se*) Não ha duvida, é dirigido a Margarida; assignado — Julio de Menezes. Amam-se! amam-se!... (*um instante de pausa*) E eu que o não sabia! Agora me recordo das palavras affectuosas que ainda ha pouco n'este mesmo logar lhe dirigia. Saberei calar-me, saberei ser amiga... guarde este segredo a gratidão que lhe devo.

(*No momento de se voltar, dá com João de Castro e Margarida, que saem do interior da casa. Quer dobrar o papel e mettê-lo na algibeira, mas não o faz sem que seja vista.*)

SCENA VII.

A MESMA, MARGARIDA, E JOÃO DE CASTRO.

JOÃO DE CASTRO (*a sua mulher*) — Tão depressa cheguem da caça, manda servir o almoço. (*reparaudo*) Oh!... aqui temos a nossa victima! Vês?... estava lendo uma carta... queres saber como se experimentam estas santas? (*para Adelaide*) Também recebe correspondencias? Veiu por mão propria ou pelo correio, essa carta? Tem a bondade de me deixar ver se traz estampilha...

ADELAIDE — Perdão, mas esta carta...

MARGARIDA — Não debes ter segredos conosco, Adelaide.

ADELAIDE — Quizera fazel-o, mas... é impossivel!

JOÃO DE CASTRO (*rindo*) — Ah! ah! ah! impossivel! é de uma discrição a toda a prova... (*a sua mulher*) Não t'o dizia eu... (*rindo*) Ah! ah! ah! é divertido!

ADELAIDE (*á parte*) — E ri!... se elle soubesse...

MARGARIDA — Adelaideo vaé mostrar-me aquella carta; não quero que suspeites sequer da minha querida Adelaide. Vamos, dá-me esse papel.

ADELAIDE — Pode exigir de mim o mais doloroso sacrificio, fal-o-hei sem hesitar; mas entregar-lhe este papel... isso nunca! Se fosse preciso expôr a minha vida para defendel-o, não me demorava um instante. Tudo.. tudo menos ceder a esse empenho.

MARGARIDA (*á parte*) — Anda n'isto algum mysterio! A sua perturbação na presença de Julio... Oh! que subito presentimento... se ella o amasse... (*a Adelaide*) Até agora pedi como amiga, mas como tua protectora exijo que me entregues essa carta.

JOÃO DE CASTRO (*sorrindo*) — Deixa-a... não vês como está corada?... E' o pudor da innocencia... não a afflijas.

ADELAIDE (*á parte*) — Sofre, sofre... mas cala-te meu pobre coração!

MARGARIDA — Já disse, Adelaide, quero saber o mysterio d'esse papel... vamos.

ADELAIDE (*com humildade e respeito*) — Nunca, nunca, minha senhora.

JOÃO DE CASTRO — Não teimes, Margarida; Adelaide tem lá as suas razões... vês como está agitada? Aquillo é talvez uma creancice... dotada de virtudes e de bons sentimentos como tu me tens dito que é... Deixa-a... (*á parte, a sua mulher*) Eu não me costumo enganar; que tal! tens uma boa amiga... podes gabar-te d'isso!

MARGARIDA (*severa*) — Basta! pode guardar esse mysterio.

ADELAIDE — Não me retire a sua amizade, não me crimine por isto.

JOÃO DE CASTRO — Minha mulher pode lá crimiñar uma menina virtuosa... esteja descansada, tem como eu as melhores intenções a seu respeito... (*a Margarida*) Vês? que te dizia eu?

SCENA VIII.

OS MESMOS, JULIO DE MENEZES, E CESAR D'ALMEIDA.

JULIO (*que entra com Cesar*) — Olha para ella... bem a podíamos procurar por este lado.

CESAR — Não lhe toques em nada que está ali o marido de D. Margarida, e elle é um homem capaz de ficar fazendo má idéa de mim, se vem a saber o motivo porque eu fugi da rapariga.

JOÃO DE CASTRO — Olé! Julio e o seu amigo! Teem passeado muito?

CESAR — Temos corrido os cantos á quinta. Realmente, senhor João de Castro, esta propriedade é encantadora; passa aqui uma vida deliciosa.

JOÃO DE CASTRO — Ainda bem que é da minha opinião.

CESAR — E tanto sou, que fallando Julio em voltar a Lisboa, lhe chamei... ingrato! Muito mais, recebidos como havemos sido por v. s.^a

JOÃO DE CASTRO — Meu Julio, se pensares em sair d'aquí... sem minha licença... arriscas-te a descer

do pedestal a que estás alçado no meu conceito. Se me consta que tornas a ter essas idéas, passo definitivamente a ser amigo do teu amigo, que mal conheço, e tu passarás ao lugar de simples conhecido. Fique, senhor Cesar; (*estendendo-lhe a mão*) mil votos de agradecimento por desejar demorar-se e fazer-nos companhia.

MARGARIDA — Pois o senhor Julio queria deixar-nos? E' falta que lhe não devemos perdoar. (*á parte*) Que projectos serão os d'elle!

ADELAIDE (*á parte*) — Terrível situação a minha!

JOÃO DE CASTRO — Senhor Cesar, antes do almoço quero ganhar-lhe duas partidas ao bilhar; aceita o duello?

CESAR — Pois não, estou sempre prompto com taes armas a bater-me com v. s.^a Sei bem manejar o taco...

JOÃO DE CASTRO — Tambem eu; venha, quero dar-lhe uma lição.

MARGARIDA — Essa idéa vem a proposito porque me deixam em liberdade para interrogar Adelaide.

JULIO (*á parte*) — Interroga-a!...

CESAR (*a Julio*) — Aposto que lhe vae saccar do bucho a minha fuga!...

JOÃO DE CASTRO (*a sua mulher*) — Duvido que consigas resolvê-la... (*a Cesar*) Vamos, amigo Cesar.

JULIO — Pareceu-me sentir ao longe o latido dos cães de caça dos hospedes de hontem; vou esperal-os ao caminho. (*faz uma cortezia e sae*).

JOÃO DE CASTRO (*a Cesar*) — Joga tão mal o nosso Julio, que lhe dou dezeseis de partido, e se chega aos vinte já eu tenho ganho. Assim é a caça: apenas aponta, desfecha logo e nunca mata, em quanto que eu, não ha tiro que me falhe.

CESAR — Pois vou ganhar-lhe ao bilhar, e amanhã ao tiro.

JOÃO DE CASTRO — Isso é o que vamos ver. (*saem tomando a entrada da propriedade*).

SCENA IX.

ADELAIDE E MARGARIDA.

MARGARIDA — Eil-a! serei o seu juiz. Aproxime-se, Adelaide.

ADELAIDE (*chegando-se*) — Aqui estou, minha senhora.

MARGARIDA — Viu os modos de meu marido? percebeu-lhe as palavras?

ADELAIDE — Valha-me Deus, já lhe não mereço que me trate amigavelmente como d'antes? Ha tanta severidade n'esse ar, n'essas palavras!...

MARGARIDA — Algum tempo entendi dever-lhe chamar minha amiga... não formarei por em quanto má idéa a seu respeito... mas se d'aqui a um instante...

ADELAIDE (*interrompendo-a*) — Que mal lhe fiz eu? Abusaria porventura da sua bondade? Digam'no francamente, minha senhora. O meu unico desejo é viver ao lado da meiga companheira da minha infancia. Muitas vezes fujo de ir ás salas, hesito em me sentar ao pé da sua cadeira, tremo de ouvir a conversação das visitas que se reúnem, porque tenho receio... porque me vejo constrangida, porque me horrorisa a idéa de que n'um momento podem descobrir em mim aquella mulher perdida!... (*suffoca-se em soluços*).

MARGARIDA — Socegue; seria uma puerilidade tudo isso, se uma circumstancia importante não acabasse de ter logar. Meu marido desconfia de todos e descre de tudo... Viu perfeitamente, que turbada e receiosa, procurava esconder uma carta. É necessario que me dê esse papel, e que eu verifique o seu conteúdo.

ADELAIDE — Oh! nunca, minha senhora, nunca!

MARGARIDA — Vejo agora que meu marido tinha razão... e aqui para nós, Adelaide, a mulher que entrou uma vez no caminho da perdição, não pode voltar á estrada da virtude.

ADELAIDE (*áparte*) — Faltava isto!...

MARGARIDA — N'esse caso, essa carta encerra alguma coisa que a compromette, que talvez avilta a casa hospitaleira que não duvidou acolher... uma infeliz!

ADELAIDE (*suffocada em pranto*) — Não me crimine assim... juro-lhe que estou innocente.

MARGARIDA — Então porque me não entrega esse papel?

ADELAIDE — De tudo que fosse meu, nada lhe podia occultar; esta carta porém... (*tirando-a*) não é minha, e devo tornar inviolavel o seu conteúdo.

MARGARIDA (*á parte*) — E' demais! (*alto*) O que acabei de pedir-lhe, vae ser exigido. Quero, preciso que me dê esse escripto. De tanta deferencia não devera ter usado já para uma creatura da sua condição... Agora não são meios persuasivos, emprego a minha autoridade.

ADELAIDE (*aos pés de Margarida erguendo as mãos*) — Piedade, minha senhora... piedade! Não me tire este papel; farci tudo, renunciarei até a viver aqui... mas não me obrigue; ter de resistir-lhe, é matar-me.

MARGARIDA — Não se resiste a quem se deve tanto... é inutil implorar, serei inflexivel. (*quer arrancar-lhe o papel*).

ADELAIDE — Peló amor de Deus! (*procura precipitadamente metter o bilhete no seio, desviando as mãos de Margarida*).

MARGARIDA (*tendo-se apossado do papel*) — Vou ver emfim...

ADELAIDE (*erguendo-se, e indo cair desfallecida no banco*) — Vae saber tudo!

MARGARIDA (*que tem aberto, e passado a vista pelo bilhete, vem cair lentamente aos pés de Adelaide*) — Oh! perdão! perdoa-me minha irmã!... E eu... eu sou muito culpada, não sou?...

ADELAIDE (*levantando-a nos braços*) — Vamos... socegue, minha senhora; este segredo nunca sairá da minha alma agradecida. Quizera poupar-lhe esta dôr!

MARGARIDA — Salvaste-me da maior vergonha! Se encontrassem esse bilhete... Depois do que te fiz soffrer, poder-me-has perdoar?

ADELAIDE (*apertando-a contra si*) — O perdão, minha senhora, é só a Deus que se pede, e Deus é sempre indulgente com os corações que amam... e que soffrem!

MARGARIDA (*beijando-a ternamente*) — Consolame as tuas palavras.

ADELAIDE — A restituição da sua estima é o meu maior orgulho.

MARGARIDA — Como terei agora animo de encarar a sangue frio meu marido? Se elle suspeitasse...

ADELAIDE — Não hade suspeitar... O seu nobre coração dar-lhe-ha forças para vencer a lucta... creia!

MARGARIDA — Não me julgas culpada, não é assim? Não me despresas, não é verdade?

ADELAIDE — Aqui não ha culpa, e aonde não ha falta não pode haver o arrependimento nem o remorso!

MARGARIDA — Julio respeitou-me sempre, e eu confiava-me á sua honra.

ADELAIDE — Elle é bastante delicado; não sei porque, mas aquella physionomia inspira confiança.

MARGARIDA — E' um coração ardente, mas um leal caracter.

JORGE (*que entra*) — Meu amo pede a v. ex.^a a bondade de chegar á sala do bilhar.

MARGARIDA — Lá vou. (*a Adelaide, beijando-a*) Hade-me custar, mas heide esquecel-o! (*sae*).

SCENA X.

ADELAIDE E JORGE.

JORGE — Vejo-a com os olhos pisados, minha menina, tem alguma coisa?

ADELAIDE — Não tenho nada, meu bom Jorge.

JORGE — Tem coisa por força que lhe dá desgosto.

ADELAIDE — Acredite-me.

JORGE — Não serei já digno dos seus segredos?

Bem sabe que me interesse pela menina como se fosse minha filha.

ADELAIDE — Nem esqueço a sua amizade, nem o muito que lhe devo.

JORGE — Faz-me lembrar as ultimas palavras de meu irmão á hora da morte. Entrego-te a minha Adelaide, me disse elle; não m'a desampares nunca. Quando ella fór mais crescida, e te perguntar por seus paes, dize-lhe que um dia tu lh'os farás conhecer, porque herdaste de mim essa obrigação solemne.

ADELAIDE (*vivamente*) — Conhece meus paes, Jorge?

JORGE (*turbado*) — Não... não os conheço; porém, tenho esperança de os encontrar em breve, talvez!...

ADELAIDE — Esperanças! diz-me o coração que os não verei nunca.

JORGE — Hade ver um d'elles, sou eu que lh'o affianço! Que alegria para o pobre Jorge, ver ainda a sua menina ditosa!...

ADELAIDE — Ditosa!... esquece já...

JORGE — Não me recorde um facto que me horrorisa ainda. O que eu soffri n'aquella noite fatal em que recolhendo a casa a não encontrei, não ha palavras que o digam. Corri logo em sua procura, foi tudo trabalho perdido! O ceo porém conduziu-se das minhas saudades, e não quiz que a perdesse de todo; vim encontral-a aqui, e para onde fór, irei eu tambem.

ADELAIDE — Pobre Jorge!

JORGE (*com alegria*) — E' porque tenho a cumprir o dever de meu irmão! Mas aquella desgraça... Oh! que se eu conhecesse o infame....

ADELAIDE — Silencio, Jorge, tinha-lhe pedido que me não recordasse....

JORGE — Perdão, minha menina, perdão... Não fallarei mais n'esse amargo desgosto, apezar de que se me não tire da idéa.

ADELAIDE — Obrigado, sempre bom, meu amigo.

JORGE — Juro-lhe que aonde eu estiver, nunca hade soffrer. Sinto-me contente e feliz.... agora

que a posso ver todos os dias. Tenho-me demorado já bastante, e se me permite...

ADELAIDE — Vá, meu bom Jorge, reclamam-no as suas obrigações.

JORGE — É o seu futuro também. (*sae lentamente*).

SCENA XI.

ADELAIDE, só, depois SEBASTIÃO, e JOSÉ DE MIRANDA.

ADELAIDE — Consola-me aquelle affecto, porque seu irmão tinha como elle um excellente character. Meus paës, disse elle! sempre orphã.... abandonada de todos e esquecida sempre.... essa ventura não era para mim.

SEBASTIÃO (*que apparece com seu filho á cancella em traje de caça*) — Olé! temos perdiz! vou desfechar com ella. (*pondo a arma á cara*).

JOSÉ DE MIRANDA (*desviando-o*) — Que faz, que faz, meu pae?

SEBASTIÃO (*rindo*) — Ah! ah! ah! já te parecia que a vias estendida, morta e a dar entrada na rede... socega, respira ainda!

JOSÉ DE MIRANDA — Quem será esta mulher?

SEBASTIÃO — Não é desairosa!

JOSÉ DE MIRANDA — Vou cumprimental-a. (*chegando-se a ella, porém de maneira que Sebastião de Miranda fique no centro*).

ADELAIDE (*depois de encarar José de Miranda*) — Ah! (*surprehendida cae sem forças no banco*).

JOSÉ DE MIRANDA (*logo depois*) — Ah!

SEBASTIÃO — Que diabo é isso! então nós temos brincadeiras?! (*a José*) Está desmaiada! (*chega-se a ella*).

JOSÉ DE MIRANDA (*á parte*) — Meu Deus! é ella! é Adelaide!

SEBASTIÃO (*para seu filho*) — Anda, torna a fazer-lhe — ah! Nunca se viu cumprimentar d'essa maneira uma pessoa que se não conhece. A caça, quando se lhe grita, foge. Ora como esta qualidade de aves não tem azas, desmaia e poupa-nos polvora e bala.

*

JOSÉ DE MIRANDA (*que se tem chegado ao pé de Adelaide*) — Vae tornando a si.

ADELAIDE (*suspirando levemente*) — Oh! meu Deus!

JOSÉ DE MIRANDA (*áparte*) — Adelaide aqui!

SEBASTIÃO (*desviando-se*) — Tenho idéa da cara d'esta rapariga... não sei onde a vi! Ora... a gente vê tanta cara...

ADELAIDE (*erguendo-se, em tom de piedade a José de Miranda*) — Silencio, por piedade!

JOSÉ DE MIRANDA — Encontrar-te ainda...

SEBASTIÃO (*que se tem voltado*) — Ah! elles já conversam!... então não foi desmaio, foi susto! As mulheres sempre são muito medrosas... (*para Adelaide*) Olhe que nos ia mettendo em boa, minha senhora. (*deitando-lhe a luneta*).

ADELAIDE (*quasi suffocada*) — Foi.... foi a surpresa....

SEBASTIÃO — Se este meu José é doido! bonito, assustar assim as pessoas... com semelhante — ah! quem não havia de estremecer?... (*continuando a miral-a*).

JOSÉ DE MIRANDA (*áparte*) — Mais formosa ainda! Como ella deve odiar-me. .

SEBASTIÃO (*áparte*) — Sim senhor, e a raparigui-nha não é nenhuma asneira...

ADELAIDE — Se desejam comprimentar o senhõr João de Castro e sua esposa, estão na sala do bilhar.

JOSÉ DE MIRANDA (*dando o braço a Sebastião*) — Vamos ao seu encontro, e contar-lhe-hemos as proezas da caçada.

SEBASTIÃO (*áparte*) — Em que má occasião este rapaz me quer levar d'aqui.... agora que principiava a deitar-lhe o olho...

JOSÉ DE MIRANDA (*puxando-o*) — Vamos ter com elles.

SEBASTIÃO — Ahi vou, ahi vou... (*vae-se com José de Miranda, reparando sempre em Adelaide*).

SCENA XII.

ADELAIDE, só, depois JULIO DE MENEZES.

ADELAIDE — Parece querer recordar-se de mim ; se vem a saber que sou a mesma que ha dois annos serviu por duas semanas em sua casa, estou perdida, porque irá dizer. . . . E é a seu proprio filho que eu devo. . . . oh ! não pode, não deve ter animo de comprometter aquella que já perdeu e desgraçou ! Seria abusar muito de uma pobre mulher. Tudo me afflige, e em cada palavra cuido ouvir uma affronta que me dirigem ; cada pessoa que chega, penso que me conhece, e que vem descobrir o meu opprobrio.

JULIO (*que tem entrado*) — Estava aqui ?! Fugiu-lhe a sua amiga ?

ADELAIDE (*perturbada*) — Não. . . . Margarida está com seu marido.

JULIO (*á parte*) — Aquella barreira sempre !

ADELAIDE (*á parte*) — Quero eu mesma ouvir de seus labios o amor que lhe tem.

JULIO — A sua amiga parece adorar extremosamente seu esposo. . . . nem um instante se desvia d'elle.

ADELAIDE — Senhor Julio, não seja injusto, não tem direito de o fazer.

JULIO — Não a comprehendo !

ADELAIDE — Vou explicar-me. (*Julio vai conduzil-a ao banco onde ella toma logar, e elle a escuta de pé*) Aquelle ramalhete de flores que offereceu a Margarida encerrava uma carta, e essa carta era escripta pelo senhor.

JULIO — Margarida disse-lhe? . . .

ADELAIDE — Margarida não me disse nada. Encontrei aqui o seu ramo, e o acaso fez com que achasse o seu bilhete.

JULIO — Se ainda está em seu poder, peço-lhe que m'o entregue, porque ha n'elle um compromettimento. . . .

ADELAIDE — Esse papel está nas mãos da minha amiga ; nada receie. . . . bem vê que o salvei. . . .

JULIO — Então sabe tudo?

ADELAIDE — Sei... desejo porém que me diga se essa afeição é pura, verdadeira e desinteressada, ou se não passa de um capricho de vaidade.

JULIO — Amo-a com todo o ardor do coração.

ADELAIDE — Deve lembrar-se que Margarida é uma senhora casada, e que o seu amor....

JULIO — Fallou-lhe de mim, disse-lhe que me aborrecia?!

ADELAIDE — Ama-o tambem, ama-o com extremo, mas respeita o que deve a si, a seu marido, e á sociedade. A lucta porém é difficil, e cumpre que o senhor a auxilie.

JULIO — Que devo então fazer?

ADELAIDE — Esquecel-a, e partir!

JULIO — Oh! não! isso nunca! Deixal-a.... esquecel-a... quando a cada instante a sua imagem me apparece em toda a parte?! Por entre a ramagem das arvores, nas aguas que ahi correm, no meio das flores que nos cercam?..... Oh! não! sinto que não posso.

ADELAIDE — Se não pode esquecel-a, pode evitar uma catastrophe e um remorso. Appello para a sua lealdade, e com ella conto.

JULIO — Conta bem! Heide saber sacrificar-me! Mas não tenho animo de me separar d'ella. Peço-lhe de joelhos.... (*Curva-se diante de Adelaide*).

SCENA XIII.

OS MESMOS, JOÃO DE CASTRO E MARGARIDA.

JOÃO DE CASTRO (*a sua mulher*) — Bravo! que tal te parece? (*rindo*) Ah! ah! ah!

JULIO (*erguendo-se*) — Meu Deus! ouvir-nos-hiam?!

ADELAIDE — Ella e seu marido!

JOÃO DE CASTRO — Não te incomodes meu Julio, continua, continua... gosto de te ver com ares de galan de comedia aos pés d'uma mulher... E' divertido! tens muito geito!... (*a sua mulher*) Por isso elle foge do bilhar e de ir á caça...

MARGARIDA (*baixo a seu marido*) — Essa ironia pode escandalisal-o.

JOÃO DE CASTRO — Achas que pode estimular-se? . . .

JULIO — Estava aqui apanhando as flores que vês espalhadas. (*mostra-lhe as que já tem na mão*)

JOÃO DE CASTRO — Ora faze-te exquisito. . .

JULIO (*baixo a Margarida*) — Fallava de si, Margarida, sinto que tão mal acolhesse o meu ramo de flores. (*alto*) Aonde ficou aquelle Cesar?

JOÃO DE CASTRO — Ganhei-lhe quatro partidas e lá ficou a bater-se n'uma guerra com Sebastião e José de Miranda.

JULIO — Perdendo e sempre teimando com o jogo. Se me dão licença, vou tambem entrar no combate, quero desforral-o (*sae, depois de um comprimento a todos*)

SCENA XIV.

OS MESMOS MENOS JULIO.

JOÃO DE CASTRO — E' realmente extrema a sua modestia. . . manifesta os seus melindres! Attende aos cavalheiros no jardim, em quanto que na sala se mostra sombria e triste, levantando raras vezes os olhos para a gente. . . Que te parece, Margarida? . . . E' d'uma virtude extremamente sympathica esta menina. . .

ADELAIDE — Pode accusar-me quanto quizer, senhor João de Castro; se tivesse incorrido n'uma falta grave, procuraria justificar-me. A minha consciencia está tranquilla, e por tanto ouvirei resignada os seus epigrammas.

JOÃO DE CASTRO — Epigrammas, hein? . . . epigrammas. . . pungentes, não é verdade? (*severo*) Diga antes que abusa da franqueza com que a tratam, em vez de oppor essa mascara de ingenuidade, á evidencia dos factos que os mais testemunham.

MARGARIDA — Valha-me Deus! ainda que Adelaide estime o senhor Julio, que motivo ha de reprehensão? Não são ambos livres. . .

JOÃO DE CASTRO — Eu sei. . . Margarida, por causa da tua amiga, desculpas muito o senhor Julio...

MARGARIDA (*á parte*) — Ferem-me as suas palavras. . . um culpado cuida ver em tudo as provas do seu delicto!

JORGE (*que entra*) — O senhor Simão de Vasconcellos e sua filha a menina D. Christina, acabam de entrar no pateo.

JOÃO DE CASTRO — Corro ao seu encontro, vou recebê-los. (*sae e Jorge segue-o*)

SCENA XV.

ADELAIDE E MARGARIDA.

ADELAIDE — Ah! minha querida, as palavras de seu marido são golpes que me atravessam o coração.

MARGARIDA — Não menos me pungiram quando se referiu a Julio. A todo o instante me parecia vê-lo senhor do segredo, lançando-me em rosto justissimas recriminações.

ADELAIDE — Julio disse-me que a amava, mas affiançou-me que a não comprometteria, e a tudo se resolve, menos a abandoná-la, a deixar de a ver!

MARGARIDA — Pobre Julio! o amor não reflexiona nem calcula. . . mal sabe que um impossível não hade separar eternamente.

JOÃO DE CASTRO (*dentro*) — Por aqui. . . é por aqui. . .

ADELAIDE — Eis que chegam; não sei porque, mas essa D. Christina. . .

SCENA XVI.

OS MESMOS, SIMÃO, D. CHRISTINA E JOÃO DE CASTRO.

JOÃO DE CASTRO — Muito me alegram com es ta visita. Margarida, o senhor Simão de Vasconcell os e a senhora D. Christina veem de proposito co nvidar-nos para uma reunião em sua casa depo is

d'amanhã. Passaremos uma noite muito agradável.

MARGARIDA (*beijando Christina*) — Tanto incommodo é realmente para agradecer. Agora também os intimo para almoçar e jantar hoje em nossa companhia.

SIMÃO — Não consinto, é excessivo incommodo.

D. CHRISTINA — Sim, sim, papá; ficamos, minha senhora. N'esta vida da provincia passam-se as noites tão inspidas...

SIMÃO — Faça-se o que a menina quizer.

D. CHRISTINA — Ah! perdão! não tinha ainda reparado na sua amiga. Parece que se escondia de nós... (*passa ao lado d'ella e falla-lhe baixo*)

JOÃO DE CASTRO — Não se admire v. ex.^a, essa menina é d'um tal acanhamento.

MARGARIDA (*a seu marido*) — Basta de atormentar Adelaide; esses epigrammas emmudecem-na e affligem-n'a.

ADELAIDE (*á parte*) — Resignação e valor, meu Deus!

(*Ouve-se susurro fora*).

SIMÃO — Que é isto?

JOÃO DE CASTRO (*indo em frente da entrada da propriedade*) — Ora... são os meus amigos que voltam da partida do bilhar; provavelmente yem prevenir-nos de que o almoço está na mesa.

SCENA XVII.

OS MESMOS, SEBASTIÃO, JOSÉ DE MIRANDA,
JULIO E CESAR.

SEBASTIÃO — Mais uma flor no rancho!

JULIO (*á parte*) — D. Christina!

SEBASTIÃO — Temos outra lindeza... este bom amigo capricha em nos apresentar cada anjinho...

JOÃO DE CASTRO — Aqui está, meu caro Simão de Vasconcellos, este ingrato Julio que me foge ás partidas de caça e de bilhar para correr pelo jardim em busca das borboletas...

SIMÃO — E' um appetite excentrico! Quando ti-

nha a sua idade, gostava mais de fazer outras conquistas.

D. CHRISTINA — O senhor Julio, segundo uma conversação que tivemos outro dia quando nos acompanhou a casa, é muito curioso... Parece-me que me disse ter uma linda collecção de insectos.

JULIO (*a Christina*) — Essas curiosidades são o meu unico entretenimento.

D. CHRISTINA — Então aprazem-lhe pouco os divertimentos da provincia?...

JULIO — Muito pouco.

D. CHRISTINA — Na sua idade, não é muito facil de acreditar...

MARGARIDA (*para Adelaide*) — Ouviste o que teem dito?

ADELAIDE — Não perdi uma palavra!

D. CHRISTINA — E nego-lh'a dizendo que não só esses momentos de ligeira distracção são os que verdadeiramente aprecia!

JOÃO DE CASTRO — Se eu quizesse fallar...

ADELAIDE (*a Margarida*) — Meu Deus! serci ainda sua victima na presença de todos?

MARGARIDA (*tocando no braço de seu marido*) — Silencio!

D. CHRISTINA — Então v. s.^a ia dizendo...

JOÃO DE CASTRO — Que algum santo bom pede por elle... não era nada, minha senhora... uma tolice! quero dizer, uma ratice... uma ratice...

MARGARIDA (*para Adelaide*) — Não sei que sentimento vem agitar-me; Julio ama D. Christina!

ADELAIDE — Tambem o suspeito; os olhares que se trocam entre os dois.

D. CHRISTINA — O senhor João de Castro hade ser franco comigo, contando-me as aventuras de todos estes senhores. Quero registral-as no meu album.

SEBASTIÃO (*áparte*) — Ui! que é litterata!

ADELAIDE (*a Margarida*) — Parece ter ciumes.

MARGARIDA — Não há duvida, agora me recordo... nos saras da semana passada, sempre buscava um pretexto para acompanhal-a.

ADELAIDE — N'um quarto de legua de caminho, quanto não terão fallado!...

JORGE (*que entra*) — Meu senhor, meu senhor, o mano de v. s^a e o senhor Eduardo da Motta, acabam de chegar; veem aqui pelo lado do jardim.

JOÃO DE CASTRO — Fernando! que agradável noticia! Que venham depressa.

JORGE — Sim senhor. (*sae*)

JOÃO DE CASTRO — Ainda bem, a sociedade completa-se. Estou como quero; gente, mais gente, venha ainda mais gente!

SCENA XVIII.

OS MESMOS, FERNANDO E EDUARDO DA MOTTA.

EDUARDO — Ora vivam meus amigos! eis-nos de volta á provincia.

FERNANDO (*abraçando seu irmão*) — Não ha vida como a da capital. Se não recebesse a tua carta e ser tamanha a instancia dos teus rogos, de certo não viria ainda clausurar-me n'esta aldeola, que todavia encontro cheia de encantos e abrilhantada por uma elegante reunião.

JULIO — O nosso fugitivo! (*abraçando Fernando*) Vê tu, caro Cesar, como se ia esquecendo de uós.

CESAR — Ora, quem vive como Fernando tem o mau costume de se esquecer dos amigos ausentes... os bailes, as reuniões, os theatros...

EDUARDO — Justamente! os cafés, as reuniões... ha duas semanas diverti-me immenso no baile do ministro da Hollanda. Estive em Cintra nas melhores funcções da primeira aristocracia e antes de partir com Fernando, fui despedir-me do principe estrangeiro, chegado ha pouco, a quem me tinha apresentado o ministro de Baviera, e que vae brevemente deixar Portugal. Depois de tamanha convivencia n'esta esphera social, hãode convir que é retrogrado sepultar-me aqui.

CESAR (*a Julio*) — Não engulo estas patranhas.

SEBASTIÃO — Conhece toda a gente!

D. CHRISTINA — N'esta pequena córte, se não encontrarem duquezas e princezas... hão-de achar rainhas que tomarão dominio em seus corações...

ADELAIDE (*a Margarida*) — Aquella turbação de Julio, condemna-o! Aquelles olhares...

JOÃO DE CASTRO — A senhora D. Christina tem razão. Anda, Julio, dá-lhe o teu braço. (*alto*) Approvam uma coisa?

TODOS — O que é?

JOÃO DE CASTRO — Um triumpho! fazemos Julio e D. Christina os reis das nossas festas.

SIMÃO e CESAR — Apoiado! apoiado!

JOÃO DE CASTRO — Muito bem, então vamos ao almoço.

TODOS — Ao almoço! ao almoço!

(*Julio dá o braço a D. Christina, todos os seguem, excepto Margarida que se deixa ficar com Adelaide.*)

ADELAIDE — Lá a vae conduzindo pelo braço, namorando os seus sorrisos!

MARGARIDA — O que são os homens! (*nos braços de Adelaide*) Seja ella ao menos feliz... já que eu sou tão desgraçada! Que vida a minha! Que me resta agora?...

ADELAIDE (*beijando-a e apertando-a com transporte*) — Na terra, a minha amizade! e Deus, no ceo!

(*Cae o panno.*)

ACTO II.

Uma sala mobilada decentemente. As portas do fundo estão abertas, deixando ver as salas contiguas onde tem logar o baile.

SCENA I.

D. CHRISTINA, SIMÃO, e JULIO.

(D. CHRISTINA sentada n'um sophá, tem um lapis na mão e escreve n'uma elegante carteira bordada. SIMÃO occupa-se em collocar nas jarras os ramalhetes de flores, em quanto que JULIO, sentado ao piano, esvoaça os dedos pelas teclas, finalizando uma walsa qualquer).

D. CHRISTINA — E' linda essa walsa, e admiravelmente executada.

JULIO (*erguendo-se*) — Sempre lisonjeira, minha senhora...

D. CHRISTINA — A prova de que me accusa injustamente, é que vou pedir-lhe que ponha de parte essa musica para logo recitar ao seu acompanhamento, uns versos de que muito gosto.

JULIO — V. ex.^a ordena.

D. CHRISTINA — Papá, a minha relação dos convidados promette-me uma das mais esplendidas reuniões. O senhor barão d'Oliveira, recém-chegado a casa do senhor João de Castro, tambem ficou de vir, e não pode tardar.

SIMÃO — São horas, são : vamos ter uma funcção rasgada.

D. CHRISTINA — Hoje tudo tem sido fadiga e incommodo ; é necessario desferrar-nos. O senhor Julio hade prometter-nos vir passar outro dia em nossa companhia. N'essa occasião iremos dar um passeio ao casal da viuva Clara da Ribeira, que é um sitio muito bonito e muito poetico, verá.

SIMÃO — Bem a ouve, senhor Julio, é impossivel indeferir aquelle requerimento.

D. CHRISTINA — Havemos de causar ciume a João de Castro.

JULIO — Não vale tanto a minha insipida companhia.

SIMÃO — Elle é isso ! Pois de hoje em diante, considere-se nosso prisioneiro.

D. CHRISTINA — Bem, papá, muito bem. (*a Julio*) Se tentar fugir, pôr-lhe-hemos sentinellas á vista.

JULIO — Peço perdão, mas é impossivel. Em João de Castro se retirando, heide acompanhal-o.

D. CHRISTINA — E eu... prohibo-lh'o. (*sorrindo*).

SIMÃO — Veja se podê desattender o positivo d'aquella determinação. Não ha remedio, meu amigo, vou já mandar preparar o seu quarto. Descanse, que o não havemos de encerrar entre ferros em humida masmorra. (*sae*).

SCENA II.

JULIO e D. CHRISTINA.

JULIO — Agradecendo a delicada amabilidade com que se dignou impôr-me a sua vontade, pedirei licença para desobedecer a v. ex.^a

D. CHRISTINA — Bem sei que na propriedade de João de Castro, entre as flores do seu jardim e o murmurio das aguas... ha um não sei que de affeição que o prende ! Esse desejo de voltar....

JULIO — E' uma desconfiança infundada ; Cesar d'Almeida, que se hospedou ali comigo, partiria immediatamente se eu não regressasse.

D. CHRISTINA — N'esse caso, como o seu amigo vem hoje tocar nos algumas variações de rebecca, prendel-o-heimos tambem.

JULIO — João de Castro estranharia o nosso procedimento.

D. CHRISTINA — Firmarei uma alliança ... mas creio que o senhor Julio queria antes alludir á amiga de Margarida.

JULIO — Juro-lhe que não.

D. CHRISTINA (*sorrindo*) — Quer paz ou guerra?...

JULIO — Guerra com v. ex.^a era um arrojo temerario; a paz será antes a doce protecção d'um anjo da guarda.

D. CHRISTINA (*dando-lhe a mão a tocar*) — Não esqueça nunca que n'este momento sagrou uma paz sem mais contratos nem condições....

JULIO (*beijando-lhe com respeito a mão*) — Tenho fê... na caridade de v. ex.^a

SCENA III.

OS MESMOS, JOÃO DE CASTRO E SEBASTIÃO.

JOÃO DE CASTRO (*comprimentando D. Christina*) — V. ex.^a hade perdoar-me, e convir que este maganão tem o mau gosto de abandonar a caça e os amigos, para se entreter a beijar as mãos de todas as senhoras que lhe concedem tão preciosa mercê.... Já aqui ha dias fui enconral-o de joelhos beijando graciosamente a mão de Adelaide....

D. CHRISTINA (*dissimulada*) — E' esse então o costume do senhor Julio.... desejo aprecial-o devidamente em algum d'esses momentos.

SEBASTIÃO (*deitando-lhe a luneta*) — E' realmente formosa! heide tiral-a para uma contradança, não me hade escapar.

JULIO (*a D. Christina*) — João de Castro quer desacreditar-me em toda a parte, porque não vou á caça, e costume entreter-me pouco no bilhar. (*á parte*) Pobre Adelaide, sempre as culpas sobre ella!

D. CHRISTINA — E a nossa querida Margarida, senhor João de Castro?

JOÃO DE CASTRO — Vem um pouco mais tarde; acompanha-a o barão d'Oliveira, e o filho de Sebastião de Miranda.

SCENA IV.

OS MESMOS, e SIMÃO.

SIMÃO — Ora vivam, meus amigos, desculpem-me não ter vindo apenas entraram; andava cuidando de certos arranjos...

JOÃO DE CASTRO — Demos um passeio magnifico á beira do rio; era um gosto ver o meu caro Sebastião de Miranda saltando as pedrinhas para não metter o bico do pé dentro d'agua. O que me ia perdendo de riso, foi o pulo que deu cheio de susto por ver saltar uma rã diante de si. Se lhe não deito a mão, estava agora n'uma sópa.

SEBASTIÃO — Eu ainda não vi homem que minte mais para fazer espirito! Então a rã é que me assustou? Uma rã é que me podia fazer cair!... A pelta não é má... o caso não passou d'uma escorregadela, e como n'este mundo se anda sempre a escorregar...

D. CHRISTINA (*com intenção*) — Parece-me que o senhor João de Castro tem o defeito de accusar injustamente os seus amigos...

SEBASTIÃO (*á parte*) — A modo que vae tomando interesse por mim...

JOÃO DE CASTRO — Pelo contrario, minha senhora, elles é que são uns hypocritas que me querem fazer passar por calumniador.

SIMÃO (*que se tem occupado em dispor alguns objectos pela sala*) — Meus amigos, venham d'ahi, quero-lhes mostrar as outras salas, verão que abundancia de flores.

SEBASTIÃO (*que vae para dar o braço a D. Christina, no momento em que Julio li'o toma*) — Codilhou-me! (*a Simão*) Se v. s.^a me dispensa, ficarei aqui descansando.

SIMÃO — Nada de ceremonias, liberdade completa. Christina, vae com o senhor Julio por esse lado ver se tudo está em ordem e á tua vontade, que eu faço o mesmo por aqui. (*passam á outra sala tomando um á direita e os dois á esquerda*)

SCENA V.

JOÃO DE CASTRO E SEBASTIÃO.

SEBASTIÃO — Então que te parece o tal senhor Julio, não se me safa com a rapariga?

JOÃO DE CASTRO — Quê demonio tens tu com D. Christina? Amores no caso, hein?... (*rindo*) Ah! ah! ah!

SEBASTIÃO — Não rias! o amor quando vem do coração, quando rebenta vivo, ardente e frenetico, não tem limites nem conhece barreiras. Duas palavras te explicarão tudo: estou resolvido a casar-me!

JOÃO DE CASTRO (*deixando-se cair no sofá*) — Estás doido!

SEBASTIÃO — Não confundas, estou apaixonado!

JOÃO DE CASTRO — Apaixonado! (*rindo*) Ah! ah! ah!

SEBASTIÃO — Está bom, faze favor de te não rires, aliás peço-te o obsequio de me deixares conversar com as paredes. Preciso desabafar.

JOÃO DE CASTRO — Desabafa, homem, desabafa! Não te zangues... vamos lá, conta-me as tuas aspirações.

SEBASTIÃO — Vi D. Christina e amei-a logo.

JOÃO DE CASTRO — Fizeste muito bem, mas foi tarde, já houve quem primeiro a amasse.

SEBASTIÃO — Queres dizer com isso?...

JOÃO DE CASTRO — Que ficas como d'antes.

SEBASTIÃO — Zombas de certo?! Não vi eu o interesse com que ainda ha pouco me defendeu das tuas arguições?...

JOÃO DE CASTRO — Mas tambem vi quando vinha entrando, que Julio de Menezes lhe beijava a mão affectuosamente. Ora quando um rapaz d'aquelles

beija a mão a uma senhora que se não zanga de tal liberdade. . .

SEBASTIÃO — Não me illudes e affianço-te que perdes o tempo ; nada acredito, cada vez gosto mais d'ella, e isso de beijar a mão é um comprimento da moda.

JOÃO DE CASTRO — Ora, adeus ! lembra-te que Julio é um rapaz, em quanto que tu, já és maduro, já. . .

SEBASTIÃO — Maduro ! eu ! enganas-te, sou ainda tão amavel que ninguem me resiste.

JOÃO DE CASTRO — Que demonio te transtornou d'esse feitio ?

SEBASTIÃO — E's um desalmado que não attendes ao amor. Nunca septiste um affecto verdadeiro, és um homem sem coração !

JOÃO DE CASTRO — Entende-me, não vim ao mundo para andar atraz das mulheres, como se fosse o seu dogue inglez.

SEBASTIÃO — Dogue ! é um epitheto que me diriges ?

JOÃO DE CASTRO (*erguendo-se e passeando*) — Homem, estás hoje semsaborão ! Enjoam-me essas toleimas.

SEBASTIÃO — Toleimas ! . . . (*seguindo-lhe os passos*) Preciso d'uma esposa terna, e nada ha como isso : o casamento traz-nos uma companheira aos desenganos da vida, uma socia aos nossos desgostos e ás nossas alegrias.

JOÃO DE CASTRO (*sem parar*) — Quando acabarás tu de causticar-me com semelhantes bernardices ? . . .

SEBASTIÃO — Bernardices ! ora que tal ! Todo o homem que assim pensa, precisava um castigo severo e exemplar ; todo aquelle que não tem estas aspirações. . . queres que te diga ? . . Não é um homem !

JOÃO DE CASTRO — Pois guarda as tuas aspirações e o teu systema ; eu por mim não o adopto, não o quero adoptar, nunca o adoptarei.

(*Alguns pares vão atravessando a sala contigua.*)

SEBASTIÃO — Mas confessa ao menos que é um

bello estado o teu. A vida é inteiramente outra, não é? Oh! se ella me corresponder serei o seu escravo, e escravo feliz... porque beijarei as minhas cadêas.

JOÃO DE CASTRO — O' homem, sê embora escravo, o que quizeres, mas não me atormentes mais com similhantes disparates. (*saindo*)

SEBASTIÃO (*seguindo atraz d'elle*) — Disparates, João de Castro... disparates! Homem, tu és um desalmado... és um... (*sae*)

SCENA VI.

MARGARIDA E ADELAIDE.

(São conduzidas até á porta da primeira sala pelo barão de Oliveira e José de Miranda, que fazendo uma cortezia-a as deixam livres logo á entrada, indo reunir-se depois aos pares que giram na sala contigua.)

MARGARIDA (*que se deixa cair no sophá*) — Bem o viste Adelaide, conduzia pelo braço, fallava-lhe affectuosamente, sorria ella a cada palavra de Julio, e eu... ah! sou muito infeliz!...

ADELAIDE — Margarida, minha boa amiga, socegue, interrogal-o-hei...

MARGARIDA — E' já tarde! Julio esqueceu tudo, porque os sorrisos de Christina valem mais do que os sacrificios que me atormentam a existencia, valem mais do que as minhas lagrimas! Ai! tu não sabes, querida, que inferno é amar e não o poder dizer! que tortura é crer muito, e suffocar a doce affeição que rebenta espontanea d'alma! Eis ahí o meu soffrimento... é o que elle não sabe, e é o que talvez não acredite!

ADELAIDE — Silencio, minha amiga, vem gente.

SCENA VII.

AS MESMAS, JULIO E D. CHRISTINA.

D. CHRISTINA — Peço desculpa de não ter vindo cumprimentar e receber ainda a minha amiga.

MARGARIDA — Não deve usar de etiquetas com-nosco.

ADELAIDE — Toda a formalidade de que puder dispensar-nos, é um obsequio que nos faz.

D. CHRISTINA — Querem que as conduza ao toucador?

MARGARIDA — Nenhuma necessidade temos de compôr os nossos enfeites...

D. CHRISTINA — Tem razão, minha amiga; os enfeites de toda a maneira ficam bem á formosura.

JULIO (*dissimulado*) — Aquelle modo...

SCENA VIII.

OS MESMOS, JOÃO DE CASTRO E SEBASTIÃO.

JOÃO DE CASTRO — E' forte teima!... para te não ouvir, dou-te razão.

SEBASTIÃO — Logo vi que havias de ceder... (*reparando e dirigindo-se a Margarida*) Pois não é verdade, minha senhora, que a vida matrimonial torna a existencia mais aprasivel...

D. CHRISTINA — E' um paraizo... o senhor João de Castro é um dos que o podem dizer.

SEBASTIÃO (*a João de Castro*) — Apanha agora esta! (*á parte*) Como ella vae com as minhas opiniões!...

JOÃO DE CASTRO — Pois não, minha senhora, sempre entendi que uma esposa... (*olhando para Margarida*) como a que eu tenho a ventura de possuir... basta para realisar o tal paraizo.

SEBASTIÃO — Ponho embargos! ha bocadinho não fallava assim.

JOÃO DE CASTRO (*dissimulado*) — Era para te experimentar...

SEBASTIÃO — Logo vi... sempre tens ratices...

MARGARIDA (*baixo a Adelaide*) — Sempre descon-
fianças!

SEBASTIÃO — Então, não apresentas esta senho-
ra barão? (*indo oferecer o braço a D. Christina no
momento em que João de Castro lh'o toma*) Minha
senhora...

JOÃO DE CASTRO (*que tem tomado posse do braço
de D. Christina*) — Queira desculpar-me... vou
apresentar-lhe o barão. (*a Sebastião*) Dá tu o bra-
ço a minha mulher, Julio se quiser que nos siga.
(*sae com ella*)

SEBASTIÃO — Vê que estou namorado de Christi-
na e vae tomar-lhe o braço, deixando-me o da mu-
lher! Ah! que se eu fosse outro... havia de vin-
gar-me! (*dando o braço a Margarida*) Minha se-
nhora... (*sae com ella para o lado seguido pelo ou-
tro par*)

SCENA IX.

ADELAIDE E JULIO.

JULIO — Adelaide, sabe dar-me a explicação
d'estes modos de Margarida?

ADELAIDE — Margarida, como toda a mulher que
ama, adivinhou...

JULIO — Adivinhou o que?... Não sei a que pos-
sa attribuir.

ADELAIDE — A uma falta que teve a impruden-
cia de commetter.

JULIO — Uma falta!...

ADELAIDE — O amor de Margarida não era um
mysterio para o senhor Julio. Depressa esqueceu
os sacrificios de que a fez victima, para render a
outra, na sua presença, um culto... que me abste-
nho de qualificar.

JULIO — Adelaide!

ADELAIDE — Desculpe, senhor Julio; mas é uma
covardia abusar de um coração que ama pela primei-
ra vez! porque em lugar de partir para longe, de dei-
xaressa pobre alma no socego em que devia esque-

cel-o, vem ás salas de uma reunião avivar o tormento que já a magoava, porque essa mulher não era livre, e não podia dizer-lhe sem ficar criminosa: — não partas, fica porque serei tua! E nem ao menos tem remorso de vir ao meio de uma festa insultar, prodigalizando a outra extremos e sorrir, aquella que tem de receber silenciosa tamanhas affrontas?! Já que teve alma para atraiçoar um coração que não devia prender... poupe á sua victima o espectáculo da traição!

JULIO — Vejo que Margarida me accusa, preciso fallar-lhe.

ADELAIDE — Fallár-lhe, e para que? Melhor seria que abandonasse a provincia, e que fosse viver para onde nunca mais se lembrasse d'ella! Longe, hade esquecel-o talvez, e quando o não esqueça, está ao menos livre d'esse desprezo insultante que ella não merecia.

JULIO — Despresal-a... eu?...

ADELAIDE — Pobre amiga... soffre porque teve a imprudencia de o amar!

JULIO — Adelaide, queira dar-me o seu braço, vamos procural-a, quero fallar-lhe. (*dá-lhe o braço e saem*).

SCENA X.

CESAR, FERNANDO E EDUARDO DA MOTTA.

(*Jorge segue estes personagens, trazendo a caixa da rebeca, que põe em qualquer canto, retirando-se depois*).

CESAR (*a Jorge*) — Pode pôr aqui a rebeca.

EDUARDO — Ora eis-nos emfim nas salas da função. (*a Fernando*) Continuas triste?

FERNANDO — Tudo isto me aborrece.

EDUARDO — Consola-tê, não será por muito tempo a nossa demora aqui.

CESAR — Não sabem, meus senhores, Julio encravilhou-me! teve a audacia de denunciar-me como excellente rebequista. Sou o encarregado de os fazer dançar, porque n'esta terra não ha quem

toque senão viola franceza ou cavaquinho, e esses mesmos são o mestre barbeiro e o ferrador. Ora, como aqui não ha necessidade de barbas feitas nem de ferraduras pregadas.... *(olhando para Eduardo)*.

EDUARDO *(rindo)* — Ah! ah! ah! linda terra!

CESAR — Por felicidade, saibam que encontrei em cima de uma das malas de Sebastião de Miranda, a caixa da sua flauta, e trago-a comigo. Pelas apparencias o homem toca primorosamente, e eu já não o largo. Havemos de dar folga um ao outro... olé! *(reparando para a sala immediata aonde atravessa Sebastião de Miranda)* Oh! lá vae elle, lá vae... já o não deixo, já me não escapa.... *(sue com pressa para o alcançar)*.

SCENA XI.

EDUARDO DA MOTTA E FERNANDO.

FERNANDO — Ainda bem que ficamos sós; agora dize-me, que meios temos para sair dos obstaculos que se nos oppõem, para tornarmos á vida de Lisboa?

EDUARDO — Tive uma idéa, mas como és todo escrupuloso... hasde rejeital-a.

FERNANDO — Vamos, falla francamente.

EDUARDO — Teu irmão é morgado, rico e feliz; porque nasceu primeiro do que tu, o destino fê-lo herdeiro, e a ti... pobre, sujeito á ésmola da sua generosidade! Olha, quem présa a egualdade como eu, tem amor á lei das partilhas.

FERNANDO — Queres dizer com isso?

EDUARDO — Que teu irmão goza de uma fortuna que metade bastaria para figurares um anno de rei! Dize-me, que te importa perder o seu conceito? Conceitos de morgado, que vulgarmente são conceitos de patetas. Não vive elle como abastecido herdeiro, em quanto que tu, nada tens?...

FERNANDO — Assim é, mas...

EDUARDO — Vou dar-te o meu conselho, embora o despreses; lembra-te porém, que é o unico

que pode fazer-nos voltar a Lisboa, salvando-nos d'estas inspidas festas de provincia. Athas graça ás mulheres que para ahi se encontram? A esposa do cirurgião da villa, a viuva do boticario, as primas do juiz eleito, e outras que taes?! Podem chamar-nos á dança os sons de uma rebecca que não toca ha um anno? E tudo isto em logar das reuniões de Lisboa, das partidas em casa da marquezia, dos bailes sumptuosos dos capitalistas!... Oh! meu amigo, se te demoras aqui, fujo-te indispensavelmente.

FERNANDO — Bem sabes que é impossivel voltar sem dinheiro; o agiota quer que lhe pague as cincoenta libras.

EDUARDO — Tens um meio facil; a familia reuniu-se aqui toda, e vendo-nos tambem não suspeitará de nós. Demorar-nos-hemos até ás dez horas, e sem que ninguem dê pela nossa falta, chegaremos a casa de João de Castro, e n'um momento serão nossas as joias de sua mulher, podendo voltar descansados a casa no fim d'esta reunião. Amanhã dá-se um pretexto qualquer, e partimos.

FERNANDO — Tal conselho é uma infamia.

EDUARDO — Seja o que fór, facilitei o meio de te salvares. Lembra-te que o jogo não é sempre adverso, e pode ser que a sorte fosse a nosso favor. N'esse caso poderias tornar a pôr no mesmo sitio as joias de tua cunhada.

FERNANDO — Nunca adoptarei semelhante idéa.

EDUARDO — O que tens é medo.... fica tu, que eu me encarrego do negocio.

FERNANDO — Já disse que não consinto.

EDUARDO — Repara que os momentos são rapidos e preciosos, que não teremos depressa occasião tão prospera de voltarmos áquella vida esplendida.

FERNANDO — E' impossivel! mais vale renunciar esperando no futuro.

EDUARDO — O teu futuro está distante como o limite do horisonte que nunca se alcança! Não contes comigo senão até amanhã... espera-me outro amigo, e com elle talvez que a fortuna....

FERNANDO — Não me deixes n'este chaos; sem ti bem sabes que me falta a energia.

EDUARDO — Sou inflexivel! N'um instante podias vencer um espaço immenso de difficuldades. Recusas o meio que te salva, e em compensação alcinhas ainda de infame uma idéa feliz!

FERNANDO — Perdoa-me, Eduardo, a minha intenção não era offender-te.

EDUARDO — A tua amante espera-te em Lisboa até ao principio do mez; se não lhe appareceres n'este praso, irás enconral-a no poder d'outro... Bem sabes, a corda sensível d'aquellas mulheres é o dinheiro!

FERNANDO — Desejo sair d'esta provincia que me enfada, mas roubar meu irmão...

EDUARDO (*á parte*) — Hesita... posso contar que venci! (*alto*) Escrupulos!... e elle não é morgado, não goza metade de uma fortuna que a lei da razão ordena que fosse tua? Sabes, este desfalque é tão pequeno, que receio não venha a sentil-o.

FERNANDO — Fazes tudo de mim, levas-me aonde queres, retiras-me d'onde te apraz! N'esse caso porém... dá-me alguns momentos para reflectir.

SCENA XII.

OS MESMOS, D. CHRISTINA, BARÃO D'OLIVEIRA, CESAR E SEBASTIÃO, dando o braço a MARGARIDA e a ADELAIDE.

SEBASTIÃO (*acompanhado de Cesar, que o não deixa, faz sentar Adelaide e Margarida no sofá*) — Toco muito mal, e muito pouco. (*á parte*) Onde foi este demonio descobrir-me a flauta?

CESAR (*dando-lhe a caixa da flauta*) — Ora vamos, pegue lá o seu instrumento... eu tambem tenho ali a minha rebeca... deseanse, havemos de harmonisar...

EDUARDO — O nosso querido barão não faltou ao sarau.

BARÃO — Não o podia fazer, sendo aqui do agrado de s. ex.^a (*para D. Christina*).

D. CHRISTINA — Confunde-me com tanta bondade e delicadeza, senhor barão.

FERNANDO (*á parte*) — Não sei o que resolva.

EDUARDO (*ao barão*) — V. ex.^a gosta de dançar?

BARÃO — Estou velho para isso, meu caro; gosto mais de entreter-me, vendo.

EDUARDO (*a Cesar*) — Bem pode ir afinando a sua rebeca, deve haver ahi grande influencia no animo dos convidados.

CESAR — Pela minha parte estou prompto. (*vae abrir a caixa da rebeca e começa a afinar-a*) Ó meu querido senhor Sebastião de Miranda, vá-se preparando tambem.

SEBASTIÃO — Tenho muito gosto em ser util... em ter prestimo para de alguma forma entreter... (*á parte*) Deixa estar que heide entalar-te. (*assoprando na flauta; Cesar toca na rebeca*).

SCENA XIII.

OS MESMOS, JULIO E JOÃO DE CASTRO.

JULIO — Bravo, já se ouve musica!

JOÃO DE CASTRO — Viva o nosso caro Cesar. (*olhando para Sebastião*) Ah! ah! ah! (*rindo*) Gosto de o ver assim!

CESAR — Quem gosta de walsa pode escolher par; — eu estou ás ordens.

EDUARDO — Walsa! morro por walsar! (*offerece logo o braço a D. Christina, porém no momento em que Sebastião vae para fazel-o*) V. ex.^a quer honrar-me!...

SEBASTIÃO — Vossa excellen... (*vendo-a com par*) Ora esta!... Então não fico com cara d'asno outra vez?! Ao menos não hade ser á minha custa que hão de divertir-se... juro!

EDUARDO (*passando ao lado de Cesar*) — Meu caro, eis-nos em campo.

CESAR — Vamos a isso. (*executa uma walsa: Eduardo e Christina saem pelo centro para as salas contiguas, onde tem logar o baile*).

SÉBASTIÃO — Fiquei pintado ! (*põe a flauta á bocca para tocar*) Afine, afine, senhor Cesar.

JOÃO DE CASTRO — Bravo ! é magnifico ver Sebastião a assoprar na flauta ; digam-me se não se parece com o pastor Giraldo quando lhe dá para tocar clarinete.

BARÃO — Faz o que pode.

JOÃO DE CASTRO — Olhem, meus amigos, faziam serviço se fossem tocar para a outra sala, porque d'aqui não o ouvem, e a nós ensurdecem-nos.

(*Cesar e Sebastião entram tocando para a outra sala*).

FERNANDO — E' certo que os nossos ouvidos ficam mais socegados, e os pares dançam debaixo d'outra animação.

JOÃO DE CASTRO — Repare, barão, que figura a do pobre Cesar. com a cabeça deitada na rebeca, e o braço fogo que fogo. . . (*rindo*) Ah ! ah ! ah !

BARÃO — Pobre moço, é hoje victima d'estes assaltos.

JULIO (*chegando-se a Margarida*) — Porque heide vèl-as sempre tristes esta noite ?

MARGARIDA — Porque nem sempre se encontra alegria no meio de uma festa.

JOÃO DE CASTRO — E aquelle pobre flautista já a deitar os bofes pela bocca fora. . . assopra, assopra, meu amigo.

BARÃO — Vamos, se não fossem elles, as damas poderiam queixar-se de insipidez.

JOÃO DE CASTRO (*indo a Julio que conversa baixo junto ao sophá com Margarida e Adelaide*) — Ó meu caro. . . não percas um tempo precioso. . . (*tomando-lhe o braço*) A musica convida, e talvez que alguma dama te espere para seu par. . . Anda, vae. . . vae divertir-te, meu amigo. . . (*leva-o ás entradas do fundo, e impelle-o para as outras salas*) Dança, dança, não esperdices tão bons momentos. . . (*volta ao lado do barão*).

MARGARIDA — Meu marido desconfia do grande mysterio que ha entre nós e Julio.

ADELAIDE — Só desconfia de mim, e é uma providencia.

*

MARGARIDA — E tu a sacrificar-te!

FERNANDO (*ao barão*) — V. ex.^a quer entreter-se a jogar?

BARÃO — Mais tarde acceptarei o convite com prazer.

SCENA XIV.

OS MESMOS, CESAR, pouco depois, SEBASTIÃO,
D. CHRISTINA, e JULIO.

CESAR (*no momento de Cesar entrar escutam-se apenas os sons da flauta*) — Oh! que desgraça! arreventaram-se-me duas cordas á rebeca!

JOÃO DE CASTRO — Tanto quiz afinar, tanto aper-
tou a escaravelha, que o resultado devia ser esse...
fogo! Que pena ficarmos privados da rebeca do
nosso amigo....

BARÃO — N'estas circumstancias é uma falta sen-
sivel.

CESAR — Então que querem, o senhor Sebastião
afinou tanto, que me vi obrigado a acompanhá-lo
tambem, e afinal.... (*á parte*) Safa! toda a noite
a tocar.... tanto as fui apertando até que ar-
reventaram. Agora a flauta que os divirta. (*n'es-
te momento ouvem-se os sons da flauta agudos e des-
afinados*).

SEBASTIÃO (*entrando*) — Oh! fatalidade! fatali-
dade! Estou impossibilitado de tocar!

FERNANDO — Tambem o senhor?!....

BARÃO — E' celebre!

JOÃO DE CASTRO — Que é isso, seccaram-se-lhe os
bofes?

SEBASTIÃO — Peior, peor... rachou-se-me a flau-
ta de repente, foi ar que lhe entrou.

JOÃO DE CASTRO — Uma apoplexia! temos histo-
rias!

SEBASTIÃO — Pensam que minto? Vejam o mi-
sero estado em que ficou. (*mostra a flauta*).

BARÃO — E' verdade!

SEBASTIÃO (*á parte*) — Eu é que a rachei com o
canivete para me ver livre. (*alto*) Senhor Cesar,

acuda áquelles pares que lá andam continuando sem musica.

CESAR (*áparte*) — Velhaco! (*alto*) Ó meu caro, identica fatalidade veiu por cá... foram-se-me duas cordas á rebeca!

SEBASTIÃO (*áparte*) — Ui! que tratante! (*alto*) Ora essa! então o senhor esticou as cordas a esse ponto?!

CESAR — E o senhor soprou de maneira que arrombasse o canudo á flauta?!

BARÃO — Logo os dois... parece incrível!

JOÃO DE CASTRO — Meus amigos, aqui andou tramaia...

CESAR e SEBASTIÃO (*apresentando cada um o seu instrumento*) — Olhem.

TODOS (*rindo*) — Ah! ah! ah!

D. CHRISTINA (*que vem pelo braço de Eduardo, e é seguida de Julio*) — E' muito mal feito! cessarem de tocar quando a influencia e o ardor da walsa se pronunciava em favor dos pares...

EDUARDO — Parece que estavam combinados.

JULIO — Cesar, isso é muito mal feito, e muito ridiculo.

CESAR — Pois sim, isso é verdade; mas vejam se descobrem meio de tocar n'uma rebeca em que faltam duas cordas.

SEBASTIÃO — Sim, digam-me se alguem tira sons de uma flauta rachada.

D. CHRISTINA — Não haverá meio de remediar...

CESAR e SEBASTIÃO — Nenhum, nenhum.

JULIO — Agora que a dança começava a inspirar...

BARÃO — O que posso fazer é offerecer-me para tocar alguma coisa ao piano.

D. CHRISTINA — Acceito, senhor barão, e agradeço-lhe. Remediamos d'esse modo uma falta deploravel.

(*Os convidados vão entrando, uns sentam-se, outros jogam nas bancas do fundo, etc.*)

SCENA XV.

OS MESMOS, JOSÉ DE MIRANDA, SIMÃO.

JOSÉ DE MIRANDA — Bravo, a reunião está interessantissima. A walsa foi magnifica, arrebatadora!

SEBASTIÃO — Divertiu-te a walsa?

JOSÉ DE MIRANDA — Muito!

D. CHRISTINA — Tenho ouvido dizer que o senhor Julio de Menezes dança admiravelmente a nova polka; quero que seja meu par na primeira.

JULIO — A escolha de v. ex.^a lisonjeia-me infinitamente.

SIMÃO — Quero vê-lo polkar; dizem que é voluptuoso e elegante. D'essa vez, arrisco-me tambem.

JULIO (*a D. Christina*) — V. ex.^a tinha prometido recitar-nos uns versos. . . .

D. CHRISTINA — Ia-me esquecendo, mas pago a promessa. Quer ter a bondade de me coadjuvar? (*mostra-lhe o piano onde Julio toma logo assento*) Papá, vou satisfazel-o recitando aquelles versos do meu album, fragmento da sua predilecção. A musica escolhida parece-me mais inspirada do que a poesia.

EDUARDO — Silencio! silencio!

JULIO — Quando quizer, minha senhora. (*passa os dedos pelo teclado, começando a musica já conhecida no principio do acto*).

SEBASTIÃO — Attenção, meus senhores, attenção.

D. CHRISTINA (*ao som do acompanhamento*):

Do baile a noite de festivo encanto
Durou momentos no folgar veloz;
Os sons divinos de harmonias santas
Em si levavam do prazer a voz.

De branco a dama, namorada vinha,
Lançando a todos desdenhoso olhar. . . .
Mas eis que subito um sorriso gelido
Lhe veiu ás faces o carmim roubar.

Era um mancebo que passava ao lado
Sorrindo ás fallas de nascente amor,
Que uma outra dama pelo braço d'elle
Ebria soltava de extremoso ardor.

Vaidade humana ! essa visão de branco,
Julgou não ver um desengano aqui !
Baldada esp'rança lhe ficou no peito
Até que o baile viu fugir de si !

(*Applausos dos convidados*).

ADELAIDE (*a Margarida*) — Comprehende esta allusão ? E' a mim que D. Christina crê sua rival.

MARGARIDA — Tem resignação.

ADELAIDE — Por si, minha amiga, affrontarei tudo.

SIMÃO — Acham bonitos os versos ?

SEBASTIÃO — Admiravelmente recitados.

EDUARDO — A condessa de Villa Nova que tem uma graça especial a recitar d'estes versos, não ganha a v. ex.^a na cadencia de inflexões que tão intelligentemente lhe sabe dar.

JOSÉ DE MIRANDA — Realmente transportaram-me esses versos !

FERNANDO (*a D. Christina*) — Não deixe v. ex.^a de contar-me tambem na lista dos seus admiradores.

D. CHRISTINA — Não posso nem devo ser egoista. O senhor Julio tem direito a metade do quinhão dos cumprimentos. Agora visto o offerecimento do senhor barão, vamos dever-lhe o obsequio de nos tocar na outra sala, a polka promettida.

TODOS — A' polka ! á polka !

JULIO (*offerecendo o braço a D. Christina e deitando um olhar para Margarida*) — Estou ás ordens de v. ex.^a

D. CHRISTINA (*com intenção*) — Creio que lhe esquece aqui alguma coisa. . .

JULIO (*olhando para o piano*) — Ah ! eram as minhas luvas. (*tomando-as, á parte*) Suspeito a que alludia.

(*A maior parte dos convidados teem já passado á*

outra sala. Alguns conservam-se jogando em quanto que o barão vai executar a polka. Julio sai com D. Christina.

SCENA XVI.

MARGARIDA e ADELAIDE, pouco depois o CONVIDADO que falla.

MARGARIDA — Para que vim eu aqui, Santo Deus?!

ADELAIDE — E' cruel ter de soffrer no silencio estes golpes que despedaçam o coração.

MARGARIDA — Apezar de tudo, Adelaide, amo-o ainda... amo! Bem sei que é uma loucura isto, mas não tenho forças para me desviar do poder violento que me arrasta! (*levando o lenço aos olhos*) Olha, minha amiga, o maior beneficio que podia agora dever a Deus, era a morte..

ADELAIDE — Idéas d'essas, minha irmã, são indignas da sua intelligencia, e um crime aos olhos do Deus que invocou.

MARGARIDA — Olha, querida! desejava a morte porque não posso esquecer-o nem odial-o.

ADELAIDE (*á parte*) — Pobre Margarida!

CONVIDADO (*que entra*) — Alguma das senhoras faz-me a honra de ser meu par n'esta polka? (*a ellas*)

MARGARIDA (*baixo a Adelaide*) — Se não fosse meu marido, saia já d'esta casa.

CONVIDADO (*reparando bem em Adelaide*) — Será um engano! aquella rapariga aqui!

ADELAIDE (*a Margarida*) — Convidam-a para dançar... accite para que não reparem.

CONVIDADO — A musica chama-nos.

MARGARIDA — Vamos. (*ergue-se, dá o braço ao Convidado e saem ambos pelo fundo*)

SCENA XVII.

ADELAIDE só, depois JOSÉ DE MIRANDA.

ADELAIDE — Pobre amiga! é grande o teu amor,

e maior ainda o teu sacrificio. E nem um ai sequer podes partir dos labios para teu allivio! A tua cegueira leva-te a ires confundir-te nos turbilhões aonde os hasde perder de vista, para depois n'um sobresalto os encontrar de novo n'um relance, apertados um ao outro, sorrindo-se mutuamente! E eu... oh! eu amei... se o amei!...

JOSÉ DE MIRANDA (*entrando*) — Ha mais d'uma hora que procuro fallar-te.

ADELAIDE (*com digna seriedade*) — Fallar-me... para que?

JOSÉ DE MIRANDA (*querendo conduzi-la pela mão ao sofá, o que ella recusa*) — Senta-te aqui ao meu lado, quero um momento em silencio contemplar-te de novo.

ADELAIDE — Senhor José de Miranda!...

JOSÉ DE MIRANDA — Admirar-te... sim! porque és formosa, e porque se não apagou ainda na minha imaginação aquella felicidade...

ADELAIDE — Se vem insultar-me, é uma crueldade sem limites que lhe não mereço. Attenda ao menos que este logar...

JOSÉ DE MIRANDA — Acaso pode este logar riscar-me da memoria aquelles momentos de ventura que nunca mais gozei?

ADELAIDE — Tenha dó de mim, lembre-se ao menos que a creança inexperiente de outro tempo... e ambos nós eramos inexperientes e creanças!

JOSÉ DE MIRANDA — Cuido ver ainda em ti essa creança loura como então a encontrei.

ADELAIDE (*com dignidade*) — O erro commettido, senhor José de Miranda, está sendo expiado pelo arrependimento.

JOSÉ DE MIRANDA — Só eu tenho a imputação d'esse erro, compete-me o dever de o remir. Amar-me-has tu como n'aquelles dias de infancia? Terás acaso esquecido?...

ADELAIDE — Não o comprehendo, mas se ha ironia no seu modo, não me atormente assim, saiba que sou já demasiadamente infeliz.

JOSÉ DE MIRANDA — Infeliz... tu?...

ADELAIDE (*com as lagrimas nos olhos*) — Tenho já soffrido tanto! . . .

JOSÉ DE MIRANDA — Para que me fugiste? . . .

ADELAIDE — Não sei ainda, não tive uma idéa fixa, não tinha uma resolução formada. N'essas duas semanas que me abriguei em casa de seus paes, lembrava-me, não que fosse deshonoroso aquelle trabalho a que a miseria me subjeitava, mas a humilhação de que era victima . . . seria . . . era orgulho talvez! Depois, vinha a saudade da minha boa protectora, que durante a sua vida me tinha posto ao abrigo da desgraça em que me vi. Não o podia encarar, José, sem me envergonhar de mim. Depositario da minha honra, tarde já, e bem tarde, conheci que m'a não podia resfuir, e fugi sem destino . . . como louca e desesperada! (*soluçando*)

JOSÉ DE MIRANDA — Foste injusta, minha querida; mas heide reparar tudo . . . gozaremos um futuro de ventura e amor.

ADELAIDE — Ventura e amor! . . . Pode-se acaso esperar ventura em possuir a mulher que se perdeu?! (*chorando*) Pode-se ter amor á creatura que vendeu affagos e sorrisos?!

JOSÉ DE MIRANDA — Que dizes, Adelaide?! mentes! e mentes porque mudando a tua posição amas outro, e queres sacrificar-te ennegrecendo-te a meus olhos, para que despresando-te deixe livre o teu amor.

ADELAIDE — Não minto . . . não! cai desvairada no abysmo, e . . .

JOSÉ DE MIRANDA — O que eu fiz! . . . sou um infame . . . conheço-o agora!

ADELAIDE (*resignada*) — Era destino, havia de cumprir-se!

JOSÉ DE MIRANDA — Culpada ou não, deves ser minha! Iremos viver para longe, para onde ninguém nos possamos ser felizes . . . (*tomando-lhe as mãos*) muito felizes! Acharemos a ventura ao lado um do outro . . . Dize, oh! dize . . . recusarás ainda ser minha?

ADELAIDE — Não posso recusar nem dizer que aceito. É grande a sua generosidade para uma pobre mulher culpada como eu.

JOSÉ DE MIRANDA — A flor da vida começa a despertar em ti encantadora e bella! Sei que se deixasse de ver-te, o desengano, companheiro inseparavel das almas captivas, virá apossar-se de meu pobre coração. Adelaide, restitue-me o teu amor, e serei feliz.

ADELAIDE (*á parte*) — Julio... mais do que nunca devo esquecer-te! (*alto*) Se em mim pode ainda existir amor ou reconhecimento, não o posso dar a outro.

JOSÉ DE MIRANDA (*beijando-lhe a mão*) — Não te envergonhes de dizer que me amas.

ADELAIDE — Pense que nos podem observar.

JOSÉ DE MIRANDA — Vou ás salas procurar meu pae, quero hoje mesmo pedir-lhe...

ADELAIDE — E' cedo ainda!

JOSÉ DE MIRANDA — Já o não é para lavar a mancha da minha honra! (*sae precipitadamente*)

(*Um momento antes de acabar este dialogo, o piano que toca nas outras salas tem cessado de ouvir-se. Os convidados vão apparecendo nas salas e os criados servem refrescos etc.*)

ADELAIDE — Meu Deus! para que vim a esta reunião? Não é tão criminoso como o julgava. O amor resgata-lhe a culpa.

SCENA XVIII.

ADELAIDE, o BARÃO que entra, e pouco depois
D. CHRISTINA que vem pelo braço do CONVIDADO que conduzira Margarida.

BARÃO (*a Adelaide*) — Sósinha aqui! não quiz ir dançar? Sem duvida foi em consequencia da musica. A dança necessita d'uma boa orchestra para que se torne agradável e inspiradora.

ADELAIDE — O senhor barão toca tão habilmente, que substitue com preferencia as harmonias de uma orchestra.

*

BARÃO — Não mereço o elogio que me faz ; mas n'esse caso, como preferiu isolar-se ?

ADELAIDE — E' porque ha momentos, senhor barão, em que o espirito precisa fugir ao ruido de um baile.

BARÃO — Tem razão... porque motivo não pergunto eu a mim mesmo, porque me não aprazem os divertimentos ?

ADELAIDE — E' porque v. ex.^a está já saciado.

BARÃO — Não... é porque ha muito tempo aborrecido da sociedade, não sei o que é um unico prazer.

D. CHRISTINA (*que entra e o convidado*) — Agradeço-lhe ter-me offerecido o seu braço ; aquelle senhor Julio de Menezes é um estouvado com quem se não pode contar. Nem sequer veio agradecer comigo ao senhor barão... (*o convidado conduz D. Christina a sentar-se no sophá opposto ao de Adelaide*)

BARÃO — V. ex.^a não tem que agradecer. Foi uma honra para mim poder de alguma maneira ter sido util.

CONVIDADO (*que se tem afastado, procurando bem conhecer Adelaide*) — Ainda aqui esta rapariga ?!... Agora tenho toda a certeza.

D. CHRISTINA (*ao barão*) — Se não fosse v. ex.^a estaríamos impossibilitados de dançar esta noite.

CONVIDADO (*a Adelaide em voz baixa*) — Dou-lhe os parabens... Já vejo que algum idiota rico lhe melhorou a situação... que a trouxe para aqui... e a verdade é que ninguém dirá...

ADELAIDE (*erguendo-se tremula*) — Senhor ! (*á parte*) Meu Deus ! chegaria esse extremo fatal...

CONVIDADO — Creio que me hade conhecer perfeitamente... aquellas repulsas explicam-se bem agora... era oiro o que exigia ?...

ADELAIDE — Senhor, senhor, tanta insolencia !...

CONVIDADO — Pois eu posso também offerecer-lh'o... (*mostrando-lhe a carteira*)

ADELAIDE — Saia d'aqui... saia, senhor !

D. CHRISTINA — O que é isto ?!

BARÃO — Que tem ; minha senhora ?!

CONVIDADO — Não é nada... esta senhora formalizou-se-comigo, porque a conheço tão de perto... que a instigava a deixar estas salas.

BARÃO — Sair, para que ?!

CONVIDADO — Para que ? Para não profanar esta casa, para não envergonhar as pessoas de bem aqui reunidas. Conheci esta mulher em Lisboa... esta creatura é... (*baixo a Adelaide*) Cede?... .

BARÃO e D. CHRISTINA — E' ?!...

CONVIDADO (*a um movimento de Adelaide*) — Uma mulher perdida!

ADELAIDE (*caindo desmaiada no sofá*) — Ah!

SCENA XIX.

OS MESMOS e JORGE que detraz d'um reposteiro tem ouvido este dialogo, e aproximado-se lentamente.

JORGE — E tu um covarde! um infame! um miseravel! (*deitando vigorosamente a mão á casaca do convidado*)

D. CHRISTINA — Semelhante escandalo em minha casa, na minha presença, no meio de uma festa ?!..

JORGE — Um escandalo... sim! e um ultraje tambem! Este homem, este homem é um vil calumniador a quem devia agora esmagar d'encontro a uma d'essas hobreiras.

BARÃO — Respeite-se a presença d'esta senhora.

JORGE — E' para melhor se respeitar que estou aqui! (*agarrando com furor convulsivo o pulso do convidado*) Vamos, covarde que vilipendiaste uma pobre mulher, porque não cedeu aos teus miseraveis projectos, repara o insulto.

CONVIDADO — Pretenderá humilhar-me tanto... .

JORGE (*fazendo-o dobrar pelo pulso*) — Humilhar-te quanto baste para reparação das infamias que proferiste. Não se vincam assim os dentes envenenados da calumnia na reputação de ninguém! Se tens diante de ti um homem velho e abatido nas feições, vê que o encontras robusto de forças e de coragem! (*sacudindo-o pelo pulso*) Quando se desce tão baixo, lançando em rosto de uma mu-

lher agravos mentirosos, faz-se rojar no chão a face do miseravel obrigando-o a implorar-lhe piedade! (*fuzendo-o curvar com violencia*) Curva-te, e de joelhos... não te envergonhes... abaixa-te! pede... pede-lhe o teu perdão!

CONVIDADO (*curvando-se e não podendo vencer a força que o opprime*) — Perdão...

JORGE (*largando-o*) — Retire-se... agora saia immediatamente. se lhe resta um pouco de sentimento.

CONVIDADO (*erguendo-se*) — Safa!... aposto que é o seu editor responsavel... (*a D. Christina*) A v. ex.^a peço desculpa d'esta scena desagradavel... mas pode acreditar que me calo, porque ha circumstancias em que é melhor fazel-o, para não aggravar o mal. (*sae*)

JORGE (*ao lado de Adelaide*) — Torne a si, minha querida menina, torne a si.

ADELAIDE — Ai! Jorge! meu amigo, quero sair d'aqui.

D. CHRISTINA — Tenham a bondade de me explicar tudo isto. As probabilidades são para acreditar que esta rapariga...

BARÃO — O homem fallou com tal sangue frio... para se julgar uma mentira...

D. CHRISTINA — Nunca ha tanta firmeza quando se mente, senhor barão d'Oliveira.

JORGE — Que ouço! este é o barão d'Oliveira!!!

D. CHRISTINA — Essa creatura terá sem duvida enganado a minha boa amiga; seu marido accusa-a de complacente, e é preciso saber...

JORGE (*com impeto*) — Que Adelaide está debaixo da minha guarda! Que Adelaide é tão digna de atravessar estas salas, como aquellas que possam exigir informações da sua conducta! Senhor barão d'Oliveira... (*mysterioso*) amanhã, contar-lhe-hei uma historia... documentada! Levante a cabeça, minha senhora; offereço-lhe o meu braço, e é um braço honradó este a que se pode encostar. Accusam-na... que importa?!... Não tardarão a curvar-lhe a cabeça... venha, minha senhora.

ADELAIDE (*nos braços d'elle*) — Vamos depressa,

abafa-me o ar d'esta casa, estas luzes fazem-me mal!
(*sae acompanhada de Jorge*)

SCENA XX.

D. CHRISTINA, O BARÃO, e MARGARIDA pouco depois.

D. CHRISTINA — Que me diz, barão?

BARÃO — N'um caso inesperado falta muitas vezes o animo para confundir a calumnia; aquelle homem não pode deixar de ser um infame.

D. CHRISTINA — Acredita v. ex.^a que alguém tenha o arrojo de lançar em face d'uma mulher tal ultrage, se a não tivesse conhecido bem? Elle que a instava a sair d'aqui, é porque sabia que maculava a nossa reunião.

BARÃO — N'essas circumstancias custa-me sempre formar qualquer idéa.

D. CHRISTINA — Dá-me o seu braço, barão? Vou procurar Margarida e prevenil-a.

BARÃO — E' inutil, encaminha-se para aqui.

(*O barão vae até á porta da entrada e offerece a mão a Margarida que vem até ahí conduzida por Sebastião que lhe faz uma cortezia e passa ás outras salas*).

D. CHRISTINA — Iamos agora mesmo procural-a.

MARGARIDA — E a que devia eu tanta honra?

D. CHRISTINA — Infelizmente a um desgosto, minha querida amiga, de que eu e o barão fomos testemunhas.

BARÃO — E' verdade, a uma fatalidade diabolica.

D. CHRISTINA — Saiba que a sua amiga...

MARGARIDA — Succedeu-lhe alguma coisa?

D. CHRISTINA — Saiba que Adelaide abusou da sua bondade, e que a engana!

MARGARIDA — Engana-me?! Não comprehendo!

D. CHRISTINA — A sua amiga foi, não ha muitos instantes, reconhecida por uma creatura... indigna da sua amizade e de sentar-se n'uma das cadeiras d'estas salas!

MARGARIDA — Mentem! é falso!

D. CHRISTINA — O barão presenciou tudo, e ella calou-se!

BARÃO — Infelizmente presenciei. . .

MARGARIDA — Adelaide aonde está? Onde está a minha amiga?

BARÃO — Partiu acompanhada pelo seu criado, minha senhora.

MARGARIDA — Se eu aqui estivesse, uma palavra minha cerraria a bocca que se atreveu a criminal-a. Havia de ser João de Castro que se mostra sempre severo e desconfiado.

D. CHRISTINA — E' um engano; foi um convidado que a viu aqui por acaso.

MARGARIDA — E' uma calúnia atroz. Adelaide é uma nobre indole, um generoso caracter e um coração de anjo. (*deitando um rigoroso olhar a D. Christina*) Só podem accusar Adelaide os que precisarem talvez condemnar os outros, para que não attentem nos seus proprios erros!

D. CHRISTINA — A minha intenção não era offendel-a. Se soubesse que havia de magoal-a tanto, ter-me-hia calado. Julguei cumprir um dever, prevenindo-a. Vou ao toucador, quer acompanhar-nos?

MARGARIDA — Se me dá licença, fico.

D. CHRISTINA — O seu braço, barão, a nossa amiga não quer vir. . . (*tomando o braço ao barão*) Decididamente Julio fica nosso prisioneiro; tomara já esta reunião dispersa. (*á parte, e sae com o barão*).

SCENA XXI.

MARGARIDA, só, depois JULIO.

MARGARIDA — Bem o adivinhava ella! para que a obriguei a acompanhar-me, e para que vim eu mesma?

JULIO — Ha muito que procuro um momento para lhe fallar, Margarida.

MARGARIDA — E' inutil desculpar-se; para lhe perdoar é tarde!

JULIO — Margarida!

MARGARIDA — Se o soffrimento tivesse vindo unicamente por mim, teria valor para tudo. Mas Adelaide foi banida d'estes logares, banida pela mulher que a faz victima do seu escarneo e dos seus zelos!

JULIO — Pois Adelaide? . . .

MARGARIDA — Foi expulsa d'aqui, e por aquella que em cada olhar lhe dirigia um insulto. A que eu expuz Adelaide, e a que me teria exposto tambem, se ella suspeitasse. . . .

JULIO — Oh! perdão, Margarida, perdão. Eu tenho sido um louco! Juro que não ha n'este coração o mais leve sentimento por essa mulher.

MARGARIDA — Não continue, Julio... não desça a mentir... é indigno de nós ambos! Não posso ouvil-o mais. Quero ter o direito de atravessar estas salas, onde apenas se estima a apparencia proscrevendo-se os sentimentos, com o passo firme e a cabeça levantada! (*sae ligeiramente*).

SCENA XXII.

JULIO, só, pouco depois D. CHRISTINA.

JULIO — Rapida mudança aquella! Pobre Margarida, quanto tens soffrido! (*como robustecido de energica resolução*) Tudo se pode remediar ainda.

D. CHRISTINA (*que entra*) — Ainda bem que o encontrei. O barão prometeu-me outra polka, e aquella foi tão interessante, que novamente o procuro para meu par.

JULIO (*com frieza*) — Espero que v. ex.^a terá agora a bondade de me dispensar.

D. CHRISTINA (*attonita*) — Recusa, senhor Julio?...

JULIO — V. ex.^a tem ainda nas salas tantos cavalheiros...

D. CHRISTINA — Comtudo, havia-me prometido....

JULIO — Promessa que estou no meu direito de retirar.

D. CHRISTINA — Como cavalheiro, não! Admira que tão rapidamente esquecesse. . .

JULIO — E' melhor lançar um veo escuro sobre tudo. Ser-lhe-ha facil esquecer a louca homenagem que tive a imprudencia de lhe tributar. Pesa minha parte, nem já me lembra se algum lume de afeição passou entre nós.

D. CHRISTINA — Que diz, senhor Julio?!

JULIO — Digo-lhe que pode empregar melhor os seus affectos d'amor, offerecer a sua mão a outro, e fazer com ella a felicidade de algum ente ambicioso. Eu por mim, renuncio a essas vantagens.

D. CHRISTINA — Quer experimentar-me? Que motivo o fez mudar assim?

JULIO — A minha consciencia e a minha lealdade impõem-me a obrigação de lhe dizer, minha senhora, que a não amo, e que nunca a amei!

D. CHRISTINA — Não me explicará...

JULIO — E' melhor evitar explicações inuteis. (*querendo retirar-se*) Com licença, minha senhora.

D. CHRISTINA — E' de mais, senhor Julio! (*á parte*) Saberá já que Adelaide... (*a Julio*) Pode partir... mas vá ao menos na certeza de que o desprezo como se despreza um ente vil. (*rindo*) Ah! ah! ah! ah! ainda acreditou que o amava... ah! ah! ah! o senhor Julio enganou-se completamente... Ah! ah! ah!

SCENA XXIII.

OS MESMOS, SIMÃO E SEBASTIÃO DE MIRANDA.

SIMÃO — Bravo, minha filha, como estás alegre, sempre rias com tal vontade!

SEBASTIÃO — Ria com tal força de satisfação!...

D. CHRISTINA (*baixo a seu pae*) — Engana-se, estou desesperada! (*alto*) Não havia de rir? O senhor Julio lembrava-se agora de me fazer uma declaração d'amor... (*rindo*) ah! ah! ah!

SIMÃO — Não vejo n'isso caso para rir!

SEBASTIÃO (*á parte*) — E' porque não gosta d'elle, está claro. (*alto*) Então esta menina podia lá

attender... (*rindo*) ah! ah! ah! o caso é engraçado... é! (*áparte*) A pequena prefere-me a estes peralvilhos.

D. CHRISTINA — Como o senhor Julio é susceptivel de enganar-se... porque me tem visto sorrir com agrado ás suas conversações, julgou logo que me tinha presa ao seu carro de triumpho, aonde jaz agrilhoada uma pobre rapariga, que... (*rindo*) ah! ah! ah!

JULIO (*a ella*) — De mim, tudo! da pessoa a que allude nem uma palavra! (*a Simão*) Sua filha, esta é a verdade, acreditou sinceramente que a amava.

SEBASTIÃO — Ora... a menina riu-se, e o mosso amigo continuou illudido... Não é mau gracejo, sim senhor, tem graça, tem... muita graça! (*rindo*).

JULIO — Engana-se; acreditou-me mais depressa do que eu propriamente esperava; tanto assim, que abrasada de indigno ciume, julgando ver na amiga da mulher de João de Castro uma rival, expulsou-a affrontosamente d'aqui.

SIMÃO — Expulsou-a?!...

SEBASTIÃO — Affrontosamente?!...

D. CHRISTINA (*com orgulho*) — Expulsei-a, sim... porque era uma creatura indigna! porque um dos nossos convidados, meu pae, descobriu que era uma d'essas desgraçadas...

JULIO (*indignado*) — Basta!

SIMÃO e SEBASTIÃO — E' incrível!

JULIO — E' uma infamia... é uma traição! Esta senhora illude-se, e... e falta á verdade! (*agitação em Simão e em Sebastião*) Falta á verdade, porque um unico sentimento d'aquella que ultrajou, jámais teve abrigo n'esse peito onde só reina a vaidade e o orgulho!

SIMÃO e SEBASTIÃO — Senhor! senhor!

JULIO — Adelaide! Adelaide é innocente! (*sac precipitadamente pelo fundo*).

D. CHRISTINA (*caindo no sophá*) — Ah!

SEBASTIÃO (*correndo ás portas e gritando*) — Acudam, acudam cá. (*voltando com o lenço nos olhos*) A minha menina, coitadinha...

*

SCENA XXIV.

OS MESMOS, JOSÉ DE MIRANDA, CESAR, JOÃO DE CASTRO,
MARGARIDA, BARÃO D'OLIVEIRA, E CONVIDADOS.

TODOS — Que succedeu ? que succedeu ?!

SEBASTIÃO (*commovido*) — E' a menina que desmaiou.

SIMÃO — Nunca pensei, senhor João de Castro, que um amigo seu, esse Julio que estimava como filho, viesse trazer semelhante dissabor a minha casa, no meio de uma reunião !

CESAR — Aquelle pateta fez das suas ! . . .

MARGARIDA (*á parte*) — Meu Deus ! Julio deu um escandalo !

SEBASTIÃO — Levar a insolencia ao ponto de insultar este anjinho ! . . .

TODOS — Insultar ! . . .

JOÃO DE CASTRO — Visto que o excesso tocou a affronta, como Julio de Menezes se hospeda em minha casa, para dar uma ampla satisfação ao meu amigo, amanhã . . . (*olhando com mysterio para Margarida*) hade réparar este vexame cavalheiramente, ou terá de bater-se comigo.

SEBASTIÃO — E' bem feito.

JOÃO DE CASTRO (*dando o braço a sua mulher*) — Vamos, regressemos a casa, não devo, não posso demorar-me aqui mais.

MARGARIDA (*tomando o braço de João de Castro, á parte, e com o lenço nos olhos*) — Valei-me, Deus do ceo !

(*Saem ligeiramente pelo fundo, seguindo-os os personagens conhecidos no enredo da peça. Simão com ternura occupa-se em restabelecer os sentidos a D. Christina, cercada dos convidados*).

Fim do 2.º acto.

ACTO III.

Sala bem mobilada em casa de João de Castro ; ao fundo as janellas de vidraça estão abertas e deixam ver o jardim no exterior.

SCENA I.

EDUARDO DA MOTTA, só, depois FERNANDO.

EDUARDO — A noite de hontem favoreceu á risca o meu plano. São nossas as joias da mulher de João de Castro. Ninguem ainda appareceu : naturalmente descansam. Veremos agora se consigo partirmos hoje mesmo.

FERNANDO (*que entra*) — Ainda bem que te encontro ; estou já farto de te procurar. Saiste do quarto sem me acordar. . .

EDUARDO — Meu caro, tive necessidade de tomar o ar fresco da manhã.

FERNANDO — Dize-me francamente, tens algum meio de fazer introduzir as joias no gabinete de minha cunhada ?

EDUARDO — Porque, ha alguma novidade ?!

FERNANDO — Nenhuma, mas. . .

EDUARDO — Então, deixa-te d'isso.

FERNANDO — Estou arrependido. Quero que os brilhantes se tornem a pôr no mesmo logar.

EDUARDO — Deixa-te de creancices ; teu irmão é morgado, e como aquelles objectos não são bens de raiz, podem passar-te livres, não arruinam a

casa, em quanto que a ti, salvam-te de uma situação... apuradíssima!

FERNANDO — Será tudo isso, mas não posso consentir.

EDUARDO — Pois então sobe ao nosso quarto, o thesouro está n'uma caixa de metal entre os colchões. Vae, vae, que eu parto no mesmo instante para Lisboa. (*vae para se voltar, e Fernando o agarra*).

FERNANDO — Espera, espera... és senhor das minhas acções como a vontade que anima a alma governa o corpo, como a cabeça domina o braço. Sem ti fallece-me o animo.

EDUARDO — Se queres subjeitar-te aos meus conselhos, bem; ao contrario separo-me de ti, e fazo o que entenderes.

FERNANDO — Que idéas são as tuas agora?

EDUARDO — Partir depois do almoço.

FERNANDO — Tão cedo... todas as suspeitas cairiam sobre nós.

EDUARDO — Enganas-te; essa rapariga que acompanha sempre a mulher de teu irmão, retirou-se muito cedo hontem, acompanhada só do criado Jorge.

FERNANDO — E que tem isso?

EDUARDO — O que tem? uma bagatela... E' que teu irmão quando voltou, veio enconral-a n'um passatempo amoroso com esse Julio, que é um maganão ás direitas.

FERNANDO — Finalmente?... .

EDUARDO — Finalmente... a rapariga voltou muito cedo a casa, para fugir d'aqui com o seu amante, apossando-se primeiro... dos brilhantes que nós vamos pôr a caminho.

FERNANDO — E' uma traição miseravel!

EDUARDO — Enganas-te, é uma coincidencia espiituosa.

FERNANDO — Queres injustamente comprometter essa rapariga?

EDUARDO — Levantei-me cedo, e o ar da manhã refrescou-me as idéas. Escrevi só um anonymo a João de Castro...

FERNANDO — Mas eu não parto d'aquí hoje.

EDUARDO (*tomando-lhe o braço e passeiando com elle*) — Partes, meu amigo, partes, sim... causam-me riso as tuas susceptibilidades... isso é falta de ar... Dize-me, saíste agora mesmo do teu quarto?

FERNANDO — N'este instante.

EDUARDO — Lá me queria a mim parecer!... E' o que eu digo, o ar faz muito bem ás pessoas nervosas como tu... acredita-me, esses teus receios resultam dos nervos... vem, meu caro, vem respirar comigo a fresca aragem pelo jardim. (*saé levando-o*).

SCENA II.

ADELAIDE, só, depois JORGE.

ADELAIDE (*no momento de Fernando e Eduardo saírem para o jardim, encontram-se á entrada com Adelaide e a cumprimentam*) — Jorge não tardará; o irmão do meu antigo protector não hade recusar-me o serviço que lhe pedir. E' o meu proprio socego... fugir d'aquí! Já não é possível soffrer tanto!... (*enxugando os olhos*) E soffro porque amo Margarida, porque lhe quero muito!

JORGE (*que entra*) — Aqui estou, menina.

ADELAIDE — Querido Jorge!

JORGE — Que é isso? Lagrimas... lagrimas ainda! a menina chorou?!

ADELAIDE (*dissimulando*) — Não, meu bom amigo, é um engano... vê?... (*sorrindo*).

JORGE — O meu coração não me illude quando se trata da menina... chorou sim, chorou... para que o nega? Succedeu-lhe alguma coisa?

ADELAIDE — Quererá fazer-me um serviço? E' grande o sacrificio que vou pedir, mas Jorge não m'o hade recusar.

JORGE — Não... que me importa sacrificios e trabalhos para a satisfazer? Porventura não vivo eu para cumprir as determinações de meu irmão?

ADELAIDE — Então hade fazer-me o que eu pedir, sim?...

JORGE — Farei tudo para seu beneficio, tudo. Vamos, que determina?

ADELAIDE — Que fuçamos d'aqui, que deixemos esta casa, que vamos viver para qualquer parte.

JORGE — Pois quer deixar a sua amiga, a sua querida Margarida? . . .

ADELAIDE — E' por ella que unicamente me sacrifico; bem viu a maneira porque seu marido me tratou hontem ao voltar da reunião de D. Christina. A partida de Julio, do sarau, e o seu encontro comigo aqui, veiu confirmar as suspeitas que já existiam. Julgam-me criminosa. . . e estou innocente! Juro que entre mim e elle não havia a mais leve combinação.

JORGE — Acredito-a, porque a conheço. Mas sair d'aqui, separar-se da sua companheira d'infancia. . . isso não! Havia de custar-lhe muito, e Margarida é tão boa senhora. . . .

ADELAIDE — Para sua tranquillidade é que o faço; seu marido atormenta-a, porque Margarida é um anjo para mim, e quer-me a seu lado.

JORGE — E' uma desconfiança; o senhor João de Castro tem aquelle genio severo; mas o seu coração tambem é bom. Quando conhecer a fundo a nobreza d'essa alma, hade igualmente estimal-a.

ADELAIDE — E' odio já que me tem. Julga que infamei a sua casa. . . hade desprezar-me sempre! Jorge, se é meu amigo, leve-me d'aqui.

JORGE — Ainda não é tempo. . . mas acredite-me; muito breve, por instantes, aquelles que a desprezarem, virão cair a seus pés pedindo-lhe perdão.

ADELAIDE — Perdão, a mim! . . .

JORGE — Talvez seja hoje o dia em que principie a gozar da felicidade que lhe é devida.

ADELAIDE — E' um sonho isso, meu Jorge.

JORGE — Sonho. . . que se hade tornar em realidade.

ADELAIDE — Para que é fazer-me alimentar uma esperanza vã? . . . (*com ar supplicante*) E' pela minha felicidade que lhe peço para abandonarmos esta casa. (*Cesar tem apparecido ao fundo*).

JORGE — Não, não. . . é cedo ainda.

SCENA III.

OS MESMOS E CESAR.

CESAR (*aproximando-se*) — Quer deixar-nos ?!ADELAIDE (*turbada*) — Ha motivos, que...

CESAR — Sei tudo... mais do que pode pensar talvez... Acabaram de lhe urdir uma traição infame; mas tenha valor, conheço os autores e hei-de collocar os personagens nos seus devidos logares...

JORGE — Mais outro novo desgosto ?!

CESAR — Talvez... (*para Adelaide*) Não tenha porém receios, resigne-se um pouco, e não perca a esperança até que eu lhe appareça. N'esse momento hade achar-me prompto a defendel-a com as provas na mão. (*á parte*) Agora ao quarto dos hospedes. (*a elles*) Com licença. (*sae*).

SCENA IV.

OS MESMOS MENOS CESAR.

ADELAIDE — Que quererá dizer aquelle mysterioso aviso ?

JORGE — A gravidade solemne d'aquelle modo...

ADELAIDE — Fallou d'umas provas...

JORGE — Que sem duvida apresentará para a defender. Não importa, eu tambem estarei a seu lado, e se alguém quizer accusal-a, ai d'aquelle que mentir.

ADELAIDE — Tomei os seus conselhos, Jorge; affrontarei tudo. Vou ao meu quarto fazer uma supplica á Virgem; a oração consola os afflictos. Um abraço, meu fiel amigo; (*abraçando-o*) quero apertal-o nos meus braços, como apertaria contra este peito magoado o coração de meu pae.JORGE (*querendo desviar-se*) — Vamos... vamos... eu tenho-lhe muita amizade, mas no meio de tudo respeito-a... um pobre criado não merece tanto favor.

ADELAIDE — Não me diga isso, Jorge; não sou eu a vagabunda recolhida aqui pelo amor de Deus? não sou a desgraçada?...

JORGE (*atalhando*) — Vá á oração; eu fico para cumprir a minha promessa. (*Adelaide aperta-lhe a mão entre as suas, encara-o com meiguice, e sae*)

SCENA V.

JORGE SÓ, depois JOÃO DE CASTRO e MARGARIDA.

JORGE — Pobre creança! Que alma aquella! E' um anjo! (*pausa*) Logo nós, senhor barão. Venham esses pergaminhos inúteis, esses titulos sem valimento, esses orgulhos de fidalgo, essas vaidades de nobre, perguntar-me o que sou no tribunal da consciencia! Antes a pobreza honrada, do que a nobreza vã! E tenho direito de lhe faltar assim, eu, pobre criado, misera creatura, que sem ter illustres brazões de fidalgo, tomei o seu lugar... honra que me dispensou talvez por caridade!... Oh! desdoiro dos grandes a quem não envergonha a generosidade dos pequenos! Hoje temos a decidir tudo; é preciso que cada um tome o lugar que lhe pertence.

JOÃO DE CASTRO (*que entra com sua mulher sem reparar em Jorge, que mal os vê, se occupa em sacudir o pó da mobilia*) — Tenho dito, não a quero ver mais; Julio... Julio explicar-se-ha comigo.

MARGARIDA — Por Deus, socega; queres tu privar-me da minha querida companheira da mocidade?...

JOÃO DE CASTRO — Está-lhe mal proferir essas palavras; dar esses titulos, essa consideração, a uma mulher...

MARGARIDA — Adelaide é innocente, todas essas suspeitas são mal fundadas.

JOÃO DE CASTRO (*severo*) — E' mal fundada a minha desconfiança? Parece-lhe que uma rapariga fugir d'uma reunião em que todos estavam entretidos, para vir metter-se aqui, na companhia de um homem...

MARGARIDA — Podes acreditar o que quizeres ; é livre a tua vontade, como é livre a minha opinião. Conheço bem Adelaide e sei... sei que era incapaz de abusar.

JORGE (*á parte*) — E' d'ella que fallam. (*avanzando um passo para elles cautelosamente*)

JOÃO DE CASTRO — Não a quero mais ver, que saia d'esta casa.

MARGARIDA — Não exigirás tanto : semelhante desgosto seria matar-me. Piedade, João, piedade para ella.

JOÃO DE CASTRO — Sempre estas supplicas importunas !... Se ahi estivesse alguém, julgar-me-hia um tyranno de melodrama... e eu não faço mais que o meu dever ! Quando acabarão estas lamurias ? Ainda se fosse outra qualidade de mulher...

JORGE — Outra qualidade de mulher ? !...

JOÃO DE CASTRO (*voltando-se*) — Que estás aqui fazendo ?

JORGE — Limpo o pé, meu senhor...

MARGARIDA — Attende ao menos que a minha pobre Adelaide fica ao desamparo, que é uma crueldade...

JOÃO DE CASTRO — Crueldade !... e posso eu consentir semelhantes abusos em minha casa, heide coadjuvar estes actos vergonhosos ? Era a ella que competia ser humilde, conhecer bem a posição em que vive, e saber honrar a hospitalidade generosa que lhe davamos.

MARGARIDA — Há-de conceder que ella fique ; a tua imaginação engana-te a seu respeito. Por tudo que te é caro, não me separees d'ella.

JOÃO DE CASTRO — Pois bem, não será expulsa ; ficará vivendo na casa ao meio da quinta, mas que não ponha aqui mais os pés. Não a quero tornar a ver.

MARGARIDA — A humidade d'essa casa terrea hade prejudicar-lhe a saude, e de certo não accetará. Era demasiada humilhação, e eu não lhe mereço tão pesado sacrificio.

JORGE (*á parte*) — Não, porque ainda me restam dois braços.

JOÃO DE CASTRO — Se não quizer sujeitar-se, então procure outro rumo.

MARGARIDA — Queres matar-me! Sabes que privando-me da companhia d'aquella a quem minha boa tia tratava como filha, me dás o maior dissabor. (*chorando*) Tem clemencia, sou eu que t'a peço, porque sentiria mais do que a infeliz esse desprezo deshumano. Se te não bastam as minhas lagrimas, aqui me tens de joelhos. (*curva-se diante d'elle*).

JORGE — Nobre e generoso coração!

JOÃO DE CASTRO (*erguendo-a com a mão ; a Jorge*) — Que fazes ainda aqui?

JORGE (*muito occupado*) — Sacudo o pó que se tem introduzido estes diás de tal maneira. . .

JOÃO DE CASTRO (*a sua mulher*) — Visto que lhe causa tanto pezar a minha resolução, serei menos severo. Essa rapariga que fique, mas que não me appareça mais, que não saia do seu quarto, aliás as minhas reprehensões não irão adoçar muito as suas faltas. Em quanto a Julio eu me entenderei com elle. (*sue*)

SCENA VI.

MARGARIDA e JORGE.

MARGARIDA — Pobre Adelaide! Sofre os martyrios que eu devia passar! Com uma palavra acabavas com esses mysterios, cujos resultados bem dolorosos teem sido para ti em allivio dos outros! Mas o segredo que me perdia, salvando-te, é sagrado no teu coração!

JORGE — Que nova infelicidade pesa agora sobre aquella menina? Criminairem-na porque desapareceu d'um logar onde a tinham insultado! Fui eu que a acompanhei: o senhor Julio por fatalidade tinha tambem deixado aquella casa, e poucos momentos depois de entrarmos aqui, é que elle chegou, e fallaram sempre na minha presença.

MARGARIDA — Ella está innocente, bem sei.

JORGE — Quando fosse capaz de faltar ao seu

dever, o velho Jorge, sempre leal, deixaria de ser fiel aos seus bons amos.

MARGARIDA — Todos a accusam, raros são aquelles como tu, que lhe fazem justiça.

JORGE — Essa justiça hade ser hoje completa.

MARGARIDA — Meu marido nunca acreditará na bondade da minha querida amiga.

JORGE — Não só hade acreditar, mas hade estimal-a.

MARGARIDA — E' impossivel, ninguem haverá que o resolva.

JORGE — Eu! Eu, que apesar de simples criado tenho o poder de o conseguir. Hoje, minha senhora, juro que heide fazer dar aquella menina o valor que merece.

MARGARIDA — Como sé explica isso, Jorge?!

JORGE (*curvando-se respeitosa*) — E' um mysterio... não tardará que o faça desaparecer. (*sae*)

SCENA VII.

MARGARIDA, depois ADELAIDE.

MARGARIDA — Como este bom criado sempre franco e leal, comprehendeu bem o coração magnanimo de Adelaide! Oh! minha amiga, como o teu sacrificio por mim tem sido grande!

ADELAIDE (*que entra*) — Já aqui, minha querida! Estimo tel-a encontrado; ao menos, em quanto lhe fallo e a vejo, não sinto os meus desgostos.

MARGARIDA — Desgostos que eu te dou, porque só eu tenho a culpa dos teus soffrimentos.

ADELAIDE — Embalou-me a desventura; uma ou outra pessoa não pode influir no meu destino.

MARGARIDA — Não, eu tenho sido a causa das tuas afflicções.

ADELAIDE — Que importa uma ou mais angustias, quando a alma não pode já com o peso d'ellas?! Não creio até que no mundo, onde tudo pode viver, haja um logar para o meu coração! Estou afeita aos soffrimentos... Oh! minha amiga, fique ao menos Julio isempto d'elles.

MARGARIDA — Julio não terá de padecer; mas tu, Adelaide, tens muito a chorar.

ADELAIDE — Já não ha lagrimas quando se tem chorado tanto.

MARGARIDA — Meu marido ordenou-me que não queria ver-te sair do quarto. Vê quanto me custa ser portadora de uma ordem... que antes por ti eu devia receber!

ADELAIDE — Aceito essa condição... porque me prende aqui á minha amiga! Ainda assim... já lhe quiz fugir! A cruz pesava-me tanto... e agora, é quasi de rastos que a conduzo!

MARGARIDA — Abandonar-me! não sabes que morreria de desgosto e de remorso?

ADELAIDE — No meio da muita resignação, poucas vezes deixa de haver um momento de desespero... se não vinga, é porque o pensamento se volve para Deus!

SCENA VIII.

OS MESMOS, e JOSÉ DE MIRANDA.

JOSÉ DE MIRANDA (*a Margarida*) — Bom dia, minha senhora. Já de pé!

MARGARIDA — Gosto de me levantar cedo.

JOSÉ DE MIRANDA — E tem v. ex.^a razão. Estes sitios são tão encantadores que a admiral-os se absorvem os instantes.

MARGARIDA — Divertiu-se muito na reunião de hontem?

JOSÉ DE MIRANDA — Não me desagradou; foi uma função de provincia, sem etiqueta, mas esperava ter-me divertido mais.

MARGARIDA — Dançou com Adelaide?

JOSÉ DE MIRANDA — Com Adelaide?... Essa rapariga que fugiu do sarau para dar um *rendez-vous* ao seu apaixonado?...

ADELAIDE (*á parte*) — Tambem elle!

MARGARIDA — Que diz, senhor?!

JOSÉ DE MIRANDA — Digo o que todos presenciam.

MARGARIDA — O que?... também acreditará!...

JOSÉ DE MIRANDA — Essa rapariga é uma infeliz de quem se deve ter dó, e nada mais.

ADELAIDE — Jesus me valha!

MARGARIDA — Engana-se. Adelaide está innocente das accusações que lhe fazem. Jorge nunca a abandonou.

JOSÉ DE MIRANDA — Isso de criados é um genero que o oiro facilmente compra.

ADELAIDE — Jorge não se vende! a sua consciencia é mais pura, do que essas costumadas a crimina-rem sem provas.

JOSÉ DE MIRANDA (*falsamente surprehendido*) — Estava aqui!... desculpe não a ter comprimentado....

ADELAIDE — Se pretende zombar de mim, retiro-me.

JOSÉ DE MIRANDA — E para que hade ter esse incommodo? (*a Margarida*) Eu amava essa mulher, amava-a com o ardor com que ainda hontem lh'o jurei. E' verdade que em outro tempo, tive a covardia de abusar da sua inexperiencia, mas a minha intenção era reparar essa falta.... reparal-a como devia. Hoje foi ella que abusou indignamente da minha promessa, e já que me não tem podido ser indifferente, compete-me despresal-a agora.

ADELAIDE — Se a condemnação pesasse justamente sobre mim, havia de defender-me, senhor!

MARGARIDA — Juro-lhe que entre Julio e Adelaide nenhuma relação existe.

JOSÉ DE MIRANDA — Aquelle proceder de hontem não se pode desculpar; é indigna da amizade que lhe tinha. Bem o devia saber! a mulher que chegou a pisar o caminho da infamia, não pode voltar ao da honra.

ADELAIDE — Desprese-me, se tanto é preciso para satisfazer o seu odio contra mim; mas injuriar-me, isso não!

MARGARIDA — Não queira ser injusto. Adelaide nunca poderia incorrer na falta que imagina.

JOSÉ DE MIRANDA — Admiro a credulidade de v. ex.^a, e sinto não a poder imitar a respeito d'essa mulher.

MARGARIDA (*abraçando Adelaide*) — Oh! minha querida, só eu para te consolar, só eu para te fazer justiça!

SCENA IX.

OS MESMOS, e SEBASTIÃO dando o braço a FERNANDO.

SEBASTIÃO — Venha d'ahi, que diabo é andar de cabeça para o chão a scismar, a scismar... Vejam se dizem alguma coisa agradável a este amigo. Parece-me que anda apaixonado... olhem que ar de tristeza!

MARGARIDA — Tem alguma coisa, Fernando?

FERNANDO — Nada, absolutamente nada... é uma desconfiança d'este risonho e affavel parceiro do bilhar e companheiro da caça. Como anda sempre alegre, estranha um momento de seriedade dos outros.

SEBASTIÃO — Um momento.... deixem-no fallar! Então não o encontrei agora debaixo de uma arvore do jardim, limpando os olhos a um lenço? Ora, como não fazia vento que levantasse poeira, é natural que o nosso amigo estivesse limpando o orvalho que algum sentimento... O caso é que eu não o larguei, tomei-lhe o braço e trago-o aqui para que o distraiam.

MARGARIDA — E' verdade que a sua physionomia parece outra!

SEBASTIÃO (*a José de Miranda*) — Anda tu, meu rapaz, dize-lhe alguma coisa que lhe tire aquella scisma da cabeça.

JOSÉ DE MIRANDA — Que heide eu dizer-lhe se posso juntar-me com elle?!

SEBASTIÃO — Safa! todos hoje estão carrancudos! é celebre! Então tu tambem estás ferido do coração? Ai! que estes tolos deixam-se prender como os passaros no visco!

FERNANDO (*pensativo*) — O remorso é um soffrimento horrivel!

SCENA X.

OS MESMOS, e JOÃO DE CASTRO.

JOÃO DE CASTRO (*entrando precipitadamente*) —
Aonde está, aonde está ella?

Todos (*assombrados*) — Quem ?!

JOÃO DE CASTRO (*surprehendido*) — Adelaide, essa rapariga... (*vendo-a*) aqui! aqui ainda!

MARGARIDA — Terei a experimentar ainda um novo infortunio?

JOÃO DE CASTRO — Mulher.... saia.... saia d'aqui!

MARGARIDA — Esses modos, senhor!...

JOÃO DE CASTRO (*repellindo-a*) — Não a quero ouvir, essa mulher fora d'esta casa.

ADELAIDE — Não sei porque me accusam de novo, e com este rigor.... desconheço a causa que me faz ser expulsa d'aqui! Sairei, já que m'o ordenam, mas juro que me acompanha a consciencia tranquilla; nada fiz para merecer tamanho desprezo. (*baixa a cabeça, e vae para sair*).

JOÃO DE CASTRO (*deitando-lhe a mão e impellindo-a*) — Não, não hade sair assim; esta creatura diz que não deu causa a ser expulsa... pois saibam agora: esta mulher infame, roubou-nos!

Todos — Um roubo!

ADELAIDE — Eu não roubei nada, senhores, não commetti tão odioso crime.

JOÃO DE CASTRO — Esta rapariga, roubou as joias de minha mulher!

SEBASTIÃO — Que horror!

JOSÉ DE MIRANDA — Que infamia!

MARGARIDA (*ajoelha e põe as mãos supplicantes em frente de seu marido, soluçando*) — E' impossivel! é impossivel! Adelaide não podia roubar-me. Piedade, que é innocente!

ADELAIDE (*erguendo Margarida*) — O perdão, minha amiga, é para os criminosos que se pede, e ainda assim, supplica-se a quem pode absolver. Não chore; vê estes olhos? Não deitam uma unica lagrima! A desgraça tem por vezes o seu orgulho!

Não roubei: venham as provas que me condemnem.

JOÃO DE CASTRO — Provas! provas!... Quer sobre a evidencia das circumstancias ainda mais provas? Esta mulher deixou a reunião para vir roubar-me a casa. (*para Margarida, dando-lhe um papel*) Leia, e avalie depois a infamia d'essa desgraçada.

MARGARIDA (*lendo, toda tremula*) «Corre ao gabinete de tua mulher e encontrarás as gavetas arrombadas, e a falta da caixa das suas joias. Essa rapariga que acompanha sempre tua esposa, de accordo com o seu amante, perpetrou o roubo para depois fugir com elle.»

SEBASTIÃO — Deve ser justicada.

JOSÉ DE MIRANDA — Infame!

FERNANDO (*á parte*) — Oh! que morro de vergonha!

MARGARIDA (*com o lenço nos olhos dando o papel a seu marido*) — E' uma traição! ninguem como eu conhece a nobreza d'aquella alma. E' innocente! Adelaide é innocente, diga-me alguém que não! Que appareça a contestal-o o anonymo, e arrancár-lhe-hei a mascara! Podem criminal-a, senhores, usem embora lançar-lhe epithetos affrontosos.... para mim, é boa como um anjo! Nos meus braços, faço-te justiça. Adelaide, levanta a cabeça, refugia-te aqui nos braços da tua amiga.

JOÃO DE CASTRO (*separando-as*) — Basta! (*a Margarida*) Sou seu marido, tenho direito a exigir que me obedeça.

ADELAIDE (*caindo desfallecida no sophá*) — Que fiz... para tanto soffrer... meu Deus!... (*suffocada*) Ah!

MARGARIDA — Tem direito unicamente sobre as minhas acções, nunca sobre a minha consciencia!

JOÃO DE CASTRO — Levem-me d'aqui essa mulher, em quanto vou fazer chamar as autoridades.

MARGARIDA (*soluçando, e tomando-lhe a passagem*) — Piedade, João; é a mim que tu pretendes matar? Está innocente, juro-te...

JOÃO DE CASTRO — Não me peça misericordia; as suas gavetas estão arrombadas, e vem pedir-me o

perdão?! As suas joias desaparecem, e vem reclamar liberdade para a criminosa, querendo confundir-se com ella?!

MARGARIDA — Não é culpada, João. Adelaide está, como eu, pura de semelhante crime.

JOÃO DE CASTRO — Não se profane, não se eguale a essa desgraçada. Vou á justiça.

MARGARIDA (*detendo-o*) — Por piedade!

FERNANDO (*á parte*) — Não, tanta infamia, não! (*a João de Castro*) Eu vou á policia, eu me incumbo de a fazer conduzir.

JOÃO DE CASTRO — Não percas tempo, depressa.

FERNANDO (*abraçando seu irmão*) — Socega, meu irmão... (*á parte*) E recebe tambem este derradeiro abraço! (*commovido, olha para todos como quem se despede, e passa junto de Margarida*) Vou salva-la! (*sae rapidamente*).

JOÃO DE CASTRO (*a Sebastião e José de Miranda*) — Levem... levem-me diante dos olhos essa creatura.

SEBASTIÃO (*a José de Miranda*) — Ajuda-me, o ar talvez que lhe faça bem. Vamos conduzil-a ao jardim. (*ajudado de José de Miranda, conduz Adelaide para o jardim*).

SCENA XI.

JOÃO DE CASTRO E MARGARIDA.

JOÃO DE CASTRO — Margarida, queira sentar-se. (*Margarida senta-se e João de Castro igualmente*) Temos vivido até aqui socegados e tranquillamente. não é assim?

MARGARIDA — Sempre. (*á parte*) Este seu modo gela-me o coração.

JOÃO DE CASTRO — As suas vontades foram feitas sem obstaculos, e creio que nunca lhe dei um desgosto, não é verdade?

MARGARIDA — Nunca!

JOÃO DE CASTRO — Aborrecia-lhe a minha companhia, desejava outra vivenda?

*

MARGARIDA — Não. (*á parte*) Meu Deus ! que pretenderá dizer ?...

JOÃO DE CASTRO — De hoje em diante, havemos de entender-nos debaixo de certas condições... Se lhe não agradarem, estabeleço-lhe uma mezada, e ou vae viver para casa d'uma parenta minha, ou para um convento.

MARGARIDA (*á parte*) — Que tormento ! as suas palavras ferem-me a alma. (*alto*) Deixal-o, para que?

JOÃO DE CASTRO — Para se não oppór ás minhas determinações; primeiro que tudo, vou despedir os meus amigos... deixo-me de caçadas ! A senhora renuncia tambem como eu ás sociedades. .

MARGARIDA (*á parte*) — Que pensará fazer com isto ?!

JOÃO DE CASTRO — Sós que estejamos, não nos queixaremos um do outro... eu abandono os meus amigos... a senhora separa-se das suas amigas... é razoavel o ajuste, são reciprocos os contractos!...

MARGARIDA (*á parte*) — Meu Deus ! (*a elle*) Essa dissimulação...

JOÃO DE CASTRO — Leia. (*dá-lhe um papel*)

MARGARIDA (*lendo*) — «A sua vida está em perigo, procuram envenenal-o; previna-se que está sendo victima da mais abominavel traição e da maior deslealdade.»

JOÃO DE CASTRO — O annuncio não é satisfatorio... comprehendeu já ?...

MARGARIDA — Comprehendi... que ha uma grande infamia em tudo isto ! (*á parte*) Julio seria capaz...

JOÃO DE CASTRO — Bem vê... só d'algum d'estes bons amigos se pode suspeitar... Ha ambições que se não satisfazem senão com a morte de um homem...

MARGARIDA — E se tudo isso fossem calumnias inventadas para tornar em desordem esta habitação?

JOÃO DE CASTRO — Não é provavel.

MARGARIDA (*á parte*) — Julio seria tão covarde!...

JOÃO DE CASTRO (*erguendo-se*) — Agora vou fazer chegar aqui o complice do roubo. Talvez que te-

nhamos de entreter-nos seriamente, a ver qual acerta primeiro no outro, com uma pequena bala de chumbo...

MARGARIDA — Meu Deus! (*levantando-se*) Queres expôr-te? (*á parte*) O seu modo parece-me desconfiado.

JOÃO DE CASTRO — Não se mortifique por minha causa: em quanto á senhora, está ainda nova... tem um fino cabelo preto... alguns fios de excellentes perolas...

MARGARIDA — Quer dizer com isso?...

JOÃO DE CASTRO — Que se eu morrer, encontrará facilmente... outro marido! (*vae ao cordão e faz tocar a campainha, a cujo som apparece um criado*)

MARGARIDA (*á parte*) — Oh! é o ceo que me inspira! E' Deus que me salva! Julio partirá sem se bater.

JOÃO DE CASTRO (*ao criado*) — Sobre aos quartos de cima, e diz ao senhor Julio de Menezes que tenha a bondade de me fallar. (*o criado baixa a cabeça e sae*) Dizem que Julio é destro no jogo da pistola... tenho tambem orgulho de atirar menos mal... Diabo! não deve ser divertido, não é verdade?... (*rindo forçadamente*) Ah! ah! ah! hade ser bello e muito divertido... hade! (*suffoca-se em soluços, mas não querendo dar a conhecer a impressão de tal sentimento*) Então... ria com tal gosto que me ia suffocando!

MARGARIDA (*que se lhe lança nos braços*) — Que tens, João? choravas, meu amigo... tu choravas?...

JOÃO DE CASTRO (*disfarçando e querendo rir*) — Chorar... eu! Que loucura! Chorar... eu que nunca chorei?! (*novos soluços embargam-lhe a voz, o que elle em vão procura disfarçar*)

MARGARIDA (*apertando-o com extremo*) — Vejo os teus olhos arrasarem-se de lagrimas!... Choras... choravas que eu bem sei! Oh! querido... (*passando-lhe as mãos pelo rosto, atravez dos cabellos, apertando-o a si, e beijando-o com extremosa meiguice*) Que bater tão violento é este que te agita o coração?! Amas-me... amas a tua Margarida?...

JOÃO DE CASTRO (*preso de commoção*) — Cala-te... cala-te!

MARGARIDA — E' Deus! é Deus que faz com que o ame! (*com novos transportes de affecto*) Sim, meu amigo, amo-te agora, e muito! Perdoa... perdoame se até aqui o mesmo sentimento me não abraza a alma. Mas hoje... hoje começo a amar-te com aquelle verdadeiro extremo com que se ama a Deus!

JOÃO DE CASTRO (*unindo-a a si*) — Oh! n'este instante... como te não perdoaria eu de todo o coração?

SCENA XII.

OS MESMOS e JULIO..

(No momento de Julio entrar, Margarida está abraçada a seu marido.)

JULIO — Mandou-me chamar?

JOÃO DE CASTRO — Se o fiz incommodar, desculpe-me. E' tão importante a brevidade d'uma explicação entre nós, que não hesitei em mandar-lhe pedir que me concedesse alguns minutos.

JULIO — Se é ainda sobre o assumpto de hontem, peço perdão, mas retiro-me.

JOÃO DE CASTRO — O assumpto é, e não é, aquelle a que allude.

JULIO — Não comprehendo.

JOÃO DE CASTRO — Vou explicar-me. Essa rapariga de quem o senhor abusou em minha casa...

MARGARIDA (*inquieta*) — Por Deus, meu amigo.

JOÃO DE CASTRO (*a sua mulher, fazendo signal de tranquillisar-se*) — Vamos... é com o senhor Julio de Menezes que eu fallo.

JULIO — Ia dizendo...

JOÃO DE CASTRO — Ia dizendo, que essa rapariga... roubou as joias de minha mulher na occasião de se achar aqui com v. s.^a!

JULIO — E' uma calumnia! Adelaide roubar! é impossivel!

JOÃO DE CASTRO — Ainda que eu não reputasse o senhor Julio complice d'essa creatura, este ardor em desaffrontal-a, é bastante... é de mais, para me deixr ver que tomou parte nos actos vergonhosos d'essa miseravel.

JULIO — Quer dizer que coadjuvei um roubo?! ... Eu roubar! Exijo que se retracte immediatamente.

JOÃO DE CASTRO — Retractar, é bom para os covardes, e quando lh'o exijam com tanta arrogancia e audacia. Admiro o cynismo com que se apresenta! Sei positivamente que Adelaide roubou as joias de minha mulher, para em seguida fugir d'aqui... acompanhada!... Resta saber... resta justificar-se se tomou ou não parte n'este delicto.

JULIO — Eu! justificar-me de uma tão vil desconfinça, que é um insulto... que é uma provocação?! A minha resposta, senhor, é que estou ás suas ordens.

JOÃO DE CASTRO. — Para que?

JULIO — Para nos batermos.

MARGARIDA (*no meio d'ambos*) — E' uma imprudencia, não hãode bater-se. O senhor Julio não hade causar-me esse desgosto.

JULIO — Uma reconciliação é impossivel; preciso vingar a minha honra.

JOÃO DE CASTRO — Que armas escolhe?

JULIO — Para mim é indifferente.

MARGARIDA — Não quero que se batam; desconfiar do senhor Julio é uma loucura. Vamos, apertem as mãos, sejam novamente amigos.

JOÃO DE CASTRO — Senhoras não podem ajuizar circumstancias d'esta natureza. (*a Julio*) Tenha a bondade de dizer que armas prefere.

JULIO — Pois bem, já que insiste... seja á pistola.

JOÃO DE CASTRO (*dando-lhe a mão*) — Está dito, vou preparar as minhas, e d'aqui a alguns instantes, espero-o... (*falla-lhe ao ouvido*) — Creio que não faltará?...

JULIO — Não faltarei.

MARGARIDA (*á parte*) — Tenho ainda uma idéa.

JOÃO DE CASTRO — Adeus, até já. (*sae ligeiramente*)

SCENA XIII.

MARGARIDA e JULIO.

MARGARIDA — Este duello é impossivel.

JULIO — Impossivel, porque?! E' talvez uma estrellá que me guia. A' manhã pode a fortuna dar-lhe a liberdade, e fazer-me feliz.

MARGARIDA (*áparte*) — Não ha duvida, estas idéas.... aquelle veneno.... (*a Julio*) Sabe que se meu marido caísse morto, teria de gritar contra o assassino; que uma barreira infinita havia de separar-nos?! Esquece que o mundo é injusto e inexoravel, e que me condemnava julgando-me complice d'essa morte?!

JULIO — O mundo! e que nos importa o mundo?! O amor não conhece a sociedade, a sociedade não comprehende nem respeita o amor! Estimo-a como um desesperado, e esses não olham aos desatinos, querem vencer!

MARGARIDA — Embora! o lucto d'esse desgosto horrivel, seria para a minha consciencia objecto de um remorso incessante. Então não poderia amalo, e agora... não sei mesmo se o amo já!

JULIO — Diz-me isso para que deixe de me bater, e todavia esse combate pode decidir tudo entre nós. Fui affrontado.... é uma sorte! ou João de Castro me atravessa com uma bala e corta o fio d'esta sympathia, ou eu o mato para gozar uma felicidade que só d'este modo pode sorrir-me.

MARGARIDA — Se alguma vez me chegou verdadeiramente a amar, satisfaça-me evitando este desafio.

JULIO — Mas como, se d'aqui a um instante devo achar-me no logar convencionado?

MARGARIDA — Ha um meio facil.

JULIO — Qual?

MARGARIDA — Partir, abandonar a provincia.

JULIO — Nunca!

MARGARIDA — E' em nome de tudo que lh'o peço; salve-me d'este desgosto que vae matar-me, e des-

truirá também o mau conceito que fazem de Adelaide.

JULIO — Partir!... sair da sua presença, se vivo de cada uma das suas palavras, se me detem o mais ligeiro dos seus olhares, se me prende o mais breve de seus sorrisos? Como heide fugir e esquecer-a, sem me esquecer de mim?!?

MARGARIDA — E' pelo amor que lhe tive, que peço que fuja de mim! Hoje conheço a minha loucura... devo estimar meu marido. Elle amava-me... sei como nutria calado este sentimento. Parta, esqueça-me para sempre... fuja! Espere-nos a desgraça.

JULIO — Margarida, se lhe despertei ciúmes para a vencer, era fingido!

MARGARIDA — Creio tudo, e nada me importa. Accuse-me embora; porém o meu dever... o meu dever vác mais longe!

JULIO — Pois bem, partirei ouvindo-lhe dizer que me detesta.

MARGARIDA — Julio, pretenderá ainda entornar mais fezes no calix amargurado que me tem feito esgotar?

JULIO — Não... quero partir acreditando que adorei uma mulher... indigna do meu amor!

MARGARIDA (*á parte, e succumbida*) — Meu Deus! encurtae o supplicio á victima resignada. (*a elle*) Se tanto exige para que se esqueça, dir-lhei: parta d'aqui, que as suas palavras horrorisam-me! Saia, que o desprezo, que o aborreço! Nunca o amei... nunca! ri-me sempre dos seus affectos! (*uma dolorosa commoção quer suffocal-a, o que ella intenta disfarçar*).

JULIO — Basta! oh! basta!... E' difficil poder odial-a, mas heide esquecer-a... esquecer-a, sim! (*sae rapidamente*).

SCENA XIV.

MARGARIDA, JOÃO DE CASTRO depois, e um CRIADO.

(Margarida, na apparencia, faz por dissimular a magoa que a dilacera. No momento de Julio partir, olha-o fixamente, e quando já o não vê, baixa a cabeça com desalento).

MARGARIDA — Oh! o golpe é profundo e mortal! um minuto decidiu tudo! Julio partiu, partiu para sempre, e amaldiçoando-me talvez! Fui atrocemente cruel... Mas quem ficou mais ferido no coração?... Elle que vae com o furor do escandalo, ou eu que tive de lhe dizer que o aborrecia, quando a alma... Oh! meu Deus! meu Deus!

JOÃO DE CASTRO (trazendo a caixa das pistolas) — Eis-me.

MARGARIDA (lançando-se-lhe nos braços repentinamente, e afagando-o com meiguice) — Ah! meu amigo, meu amigo, tenho-te aqui... nos meus braços, n'estas cadéas que te hão de prender. Onde queres ir?

JOÃO DE CASTRO — Ora... aonde vou, minha querida... Julio, aonde foi Julio?

MARGARIDA — Julio está já aonde as balas não chegam.

JOÃO DE CASTRO — Sim?... (á parte) Procural-o hei até o encontrar; embalde se esconde.

CRIADO (que entra) — Esta carta para v. s.^a

JOÃO DE CASTRO (tomando a carta) — Podes retirar-te. (o criado sae).

MARGARIDA (á parte) — Uma carta! hade ser d'elle.

JOÃO DE CASTRO (abrindo e lendo a carta) — Juuro por tudo que me é caro, que entre mim e Adelaide nada existia. Somos innocentes das accusações que nos fazem. Se parti sem ao menos o prevenir, creia que não é para me esquivar ao combate que me propoz. Para que fique acreditando que não sou um covarde, em qualquer parte aonde o acaso nos faça encontrar, estarei ás suas or-

dens. — Julio de Menezes. » (*dobrando a carta*) É um covarde perfeito e astucioso... dava-lhe mais desculpa, se em vez de se esquivar d'este modo, antes me tivesse pedido perdão.

MARGARIDA — Julio não partiu como um covarde, Julio tem razão.

SCENA XV.

OS MESMOS, O BARÃO, e JORGE.

BARÃO (*entrando precipitadamente seguido de Jorge*) — Onde está, onde está Adelaide?

JOÃO DE CASTRO — Também se interessa por ella, barão? D'aqui a alguns instantes não virão ter comigo, entender-se-hão com as autoridades.

BARÃO — A justiça?!

JORGE — Que pretenderão fazer?!

JOÃO DE CASTRO — Mandei chamar a policia, porque Adelaide roubou-me.

BARÃO e JORGE — E' impossivel!

JOÃO DE CASTRO — E' um facto.

MARGARIDA — Adelaide não é culpada, não podia roubar-nos, tenho toda a certeza. Conduziram-na para ali desfallecida, corram se podem dar-lhe algum allivio.

BARÃO — A justiça! as autoridades! (*sae precipitadamente pelo fundo*).

JORGE — Cumpri o meu dever... e o de meu irmão! Resta justificar-a. (*sae, seguindo o barão*).

SCENA XVI.

MARGARIDA, JOÃO DE CASTRO, pouco depois CESAR.

JOÃO DE CASTRO — Que diabo de interesse terá o barão por aquella rapariga?

MARGARIDA — O barão é um cavalheiro, e os sofrimentos da minha pobre amiga o magoam de certo. Permitta Deus, que o teu arrependimento não venha a ser tão penoso, como tem sido á infeliz a

*

culpa que lhe imputam. (*Cesar apparece, e fica escutando*).

JOÃO DE CASTRO — Essa culpa deve desvanecer-se com provas, e não com palavras.

CESAR (*chegando-se a João de Castro*) — As provas tenho-as eu; Adelaide não roubou.

JOÃO DE CASTRO — O senhor ?!

MARGARIDA — O amigo de Julio.

CESAR — Eu, que sei tudo, que tenho provas em meu poder sufficientes para aniquilar as suspeitas que pesam sobre a desgraçada, que accusam. . . . , sem provas!

JOÃO DE CASTRO — Se quizesse explicar-se. . . .

CESAR — Fal-o-hei. Ha pouco, saindo d'aqui, encontrei no jardim o senhor Eduardo da Motta, que conduzia pelo braço o seu amigo Fernando, e o instigava a partir, fallando-lhe em levar um cofre, ao que elle parecia querer esquivar-se firmemente. Eduardo da Motta proseguiu: — Vou partir, e se d'aqui a meia hora não estiveres junto á oliveira da estrada, sigo a viagem levando o thesoiro que tu recusas acompanhar.

MARGARIDA (*á parte*) — Que idéa! mas não; Fernando não seria capaz. . . .

JOÃO DE CASTRO — E que provas me dá de que tudo isso assim é?

CESAR — Quer provas? (*dando-lhe uma carta*) Esta carta que me deu agora mesmo o senhor Fernando de Castro, seu irmão, que partia a cavallo a todo o galope.

JOÃO DE CASTRO (*abrindo e lendo*) — «Perdão, meu irmão! sei que te perdi para sempre! Não culpues ninguem, todos estão innocentes, eu é que sou criminoso! Estou perdido e deshonrado! O jogo, e um mau amigo, a cuja influencia não podia resistir, fizeram a minha ruina. Vou para a Africa, e lá heide morrer, se na viagem não tiver de succumbir á vergonha e ao pezar! Não te verei mais... perdoa-me, meu irmão, já que um ente sem consciencia me tornou tão desgraçado. — Fernando.» (*succumbido, limpa uma lagrima*) Oh! meu Deus! que infeliz!

MARGARIDA — A tristeza que se via impressa no seu rosto, era um signal evidente do seu remorso.

JOÃO DE CASTRO — Isto é incrível! Fernando não podia roubar-me.

CESAR — Mas teve a fraqueza de o consentir. Eduardo em vez de esperar na estrada o seu amigo, achou o seu juiz. Apresentei-lhe um par de pistolas á cara, e fiz-lhe depositar o cofre dos brilhantes nas minhas mãos. Em seguida, conduzi-o diante de mim ás autoridades, e agora está entregue á justiça.

JOÃO DE CASTRO — Pois foi aquelle miseravel que nos roubou?

CESAR — Aquelle que não fallava seuão nas suas relações aristocraticas em Lisboa. O meu descobrimento foi mais longe. Aquelle aviso que hoje recebeu, fui eu que lh'o mandei. O infame não contente com o roubo, queria o assassinio! Envenenando-o, como o senhor João de Castro não tem ainda um herdeiro, o morgado passava livre a seu irmão, e Eduardo da Motta aproveitaria a sua influencia para lhe desfructar os bens.

MARGARIDA — Levaria tão longe a sua malvedez?

JOÃO DE CASTRO — Homens d'aquelles, não recuam diante do crime! (*abraçando Cesar*) Meu amigo, devo-lhe muito.

CESAR — Fiz o meu dever. (*entregando o cofre*) Agora cumpre-me entregar este cofre de joias nas mãos de sua dona, agradecendo juntamente a franca hospitalidade que me deram, e pedindo as suas ordens, porque vou partir para o Porto.

JOÃO DE CASTRO — Não consinto, hade passar aqui o verão.

CESAR — Não me é possível. Mandarei buscar as malas. (*a João de Castro apertando-lhe a mão, e fazendo um cumprimento a Margarida*) Meu caro, cautela com os amigos... lembre-se que um morgado anda sempre em risco. Ou o põem por doído para outros gozarem dos seus bens, ou o envenenam para se apossarem d'elles... Adeus! (*sae e depois de partir, Adelaide entra nos braços do barão e de Jorge, seguindo-os Sebastião e José de Miranda*)

SCENA XVII.

MARGARIDA, JOÃO DE CASTRO, ADELAIDE, BARÃO,
JORGE, SEBASTIÃO, e JOSÉ DE MIRANDA.

BARÃO — Vem, minha querida, vem reclinar-te sobre o meu peito... vem, que lhe dás a felicidade que ha tanto tempo adormeceu para mim. (*sentta-se no sofá*)

ADELAIDE — Aonde estou eu?...

BARÃO — Aqui, n'estes braços que jámais te hão-de abandonar.

JORGE — E nos de Jorge, nos do seu velho amigo. Sim, menina, é Jorge que lhe acaba de trazer a felicidade.

MARGARIDA — O ceo fez-te justiça.

ADELAIDE (*deitando os braços ao pescoço de Margarida*) — Fallam-me de felicidade quando sou accusada de ter roubado... (*chorando*) Oh! minha amiga, eu roubal-a!...

BARÃO (*a João de Castro*) — Que fez, senhor João de Castro, que fez em mandar vir a justiça?...

JOÃO DE CASTRO — Só agora acabei de saber que está innocente. (*dando-lhe a carta que o barão passou pela vista*) Fui bastante cruel condemnando-a sempre; não sei porque, mas sinto-me agora humilhado na sua presença. (*indo aos pés de Adelaide*) Perdão, Adelaide, perdão, porque sei que está innocente! Fui rigoroso... implacavel até... mas ha momentos... ha apparencias... que nos levam a duvidar mesmo da candura dos anjos! Perdão, por que injustamente lhe fiz soffrer muito.

ADELAIDE (*erguendo João de Castro, e abraçando com transporte a Margarida*) — Por Deus! O' meus amigos e protectores, por Deus, que eu não mereço tanto! (*quer apertal-os com novas forças, mas cue sem ellas nos braços de João de Castro. Margarida sorri pelo prazer que lhe dá esta scena*)

JORGE — Sentem-na, qualquer abalo, por insignificante, lhe causa esta impressão. Se este peito só estava acostumado a martyrios...

JOÃO DE CASTRO (*fazendo-a sentar*) — Rcanime-se,

valor! . . . queremos resgatar-lhe o tempo de pezares e angustias.

JOSÉ DE MIRANDA — Causa-me dó!

BARÃO — Adelaide, olha. . . não sabes? . . . E' immensa a felicidade que te destino.

ADELAIDE — A felicidade. . . é tão distante d'ella que posso viver. . . esperanças já as não tenho. . . Jorge, o meu bom Jorge, fallou-me de ser feliz. . . pobre amigo, cuidou que eu poderia acreditar. . .

BARÃO — E' uma realidade, Jorge não mentiu. . . não te mentiu porque tu. . . tu és minha filha! *(tomando-a nos braços)*

TODOS — Sua filha!

ADELÁIDE — Como! . . . este é meu pae! Jorge, é verdade isto? . . . Será possível? . . . *(sustendo-se com firmeza, procura reconhecer as feições do barão, e lança-lhe os braços em volta do pescoço, beijando-o extremosa e loucamente)* Ah! meu pae! meu pae!

TODOS — Seu pae!

JORGE — E' seu pae, sim. . . não lh'o havia promettido?

BARÃO *(dando uma carta a Margarida)* — Leia.

MARGARIDA *(lendo)* — «Não duvides, essa creança é nossa filha! Esse bom cidadão, unico senhor do segredo, tomará conta d'ella, e se a morte o roubar do mundo, hade fazer conhecer a seu irmão Jorge o mysterio que envolve essa menina; lembra-te que é o unico fructo que existe do nosso amor, e por elle te perdóo tudo. Por piedade, tem com ella a compaixão que não tiveste para a sua infeliz mãe. — *Izabel de Penalva.*» Filha de minha tia!

BARÃO — Ouves. . . Ouves tu, Adelaide? é teu pae que apertas ao peito. . . é unido ao teu coração, que palpita agitado e cheio de jubilo aqueile que te deu a vida!

ADELAIDE *(a Jorge que se tem aproximado e que ella abraça no centro d'ambos)* — Sem um, não teria o outro! Velho amigo e protector. . . aqui dentro d'alma, achará o agradecimento da pobre desvalida.

JORGE (*chorando de alegria*) — Que fiz eu para assim receber esta honra? Que agradecimentos são esses para o simples criado, que se vê contente, porque a vê feliz?!

JOSÉ DE MIRANDA (*a Adelaide*) — E eu, o ultimo, mas não o menos sincero dos arrependidos, não se-rei digno do seu perdão?

ADELAIDE — Perdões, a mim?...

JOSÉ DE MIRANDA — E consentirá depois do meu erro que a torne a amar, que...

ADELAIDE — Para esse arrependimento é já tarde! esqueça-me para sempre! (*baixo a Margarida*) Julio?...

MARGARIDA (*baixo a Adelaide*) — Julio partiu para não voltar!

ADELAIDE — Para sempre!... oh! meu Deus! nunca mais o ver... nem um adeus sequer!...

MARGARIDA — Oh! minha amiga, tambem o amavas!...

ADELAIDE — Agora que elle partiu, posso dizel-o... amei-o! mas Julio nunca o soube... guardei tudo aqui! (*leva a mão ao coração*)

MARGARIDA — Por dever, sacrificaste o coração... e eu sacrifiquei o coração ao dever!

BARÃO — Minha filha, é grande o dia que te entrega nos meus braços... a tua vontade é a minha tambem. Se tens algum desejo, dize-m'o, pede para que te satisfaça.

ADELAIDE — Um só! um unicamente... e hade fazer-m'o, não é assim?

BARÃO — Que posso eu negar-te, minha filha?!

ADELAIDE — Jura-m'o?...

BARÃO — Pela alma de tua mãe.

ADELAIDE — Peço para me recolher a um convento.

TODOS — A um convento!!!

BARÃO — Queres separar-te de mim?!

ADELAIDE — Quero esquecer-me do mundo! Irá visitar-me sempre, apagará assim as saudades, e eu... cumprirei o meu destino.

SEBASTIÃO (*a um movimento de José de Miranda, que se encosta a elle*) — Vamos, animo!

JOSÉ DE MIRANDA (*suffocado*) — Perdi-a para sempre!

JOÃO DE CASTRO (*á parte*) — E eu que julguei tão vil esta mulher, encontro-a um modelo de nobreza!

ADELAIDE (*nos braços de seu pae*) — E' a minha primeira e ultima vontade!

BARÃO (*limpando os olhos*) — Hade ser cumprida.

MARGARIDA (*a seu marido*) — Que te dizia eu? Adelaide é um anjo, vês?

JOÃO DE CASTRO — Vejo... e creio!

ADELAIDE (*nos braços de Margarida*) — Minha amiga, só se ama uma vez na vida!

MARGARIDA (*apertando-a com transporte*) — Oh! como eu te perdi roubando a ventura dos mais bellos dias da tua existencia!

ADELAIDE — Não, sempre teria de soffrer; a lembrança do meu passado... (*cada vez mais baixo e triste*) hade ser o horisonte negro de toda a minha vida! (*vae aos braços do barão, em quanto que João de Castro passa aos de sua mulher. Um momento de silencio em que a tristeza e as lagrimas se confundem*)

JORGE (*encostando-se aos braços d'uma cadeira e limpando os olhos*) — Eu que a embalei n'estes braços, que lhe tinha tanto amor... heide assim separar-me d'ella!...

BARÃO — Oh! filha, na flor da mocidade, quando podes gozar a vida, e...

ADELAIDE — Se m'o permite, pae, a minha resolução é inabalavel.

MARGARIDA — No exilio voluntario de um convento, longe de teu pae e dos que tanto te querem, quem te hade consolar?...

ADELAIDE — Deus! (*depois de tomar affectuosamente a mão do pae e de Margarida, puzando-os a si, encarando-os e erguendo os olhos ao ceo*) Deus!

(*Cae o panno*).

12

